

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL
MESTRADO EM LINGUAGEM, TEXTO E IMAGEM



Dissertação

**A ARTE DA LINGUAGEM: ANALISANDO A CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICÂNCIA
EM LETRAS DE CANÇÕES DE ELZA SOARES**

DAIANE DE ALVARENGA GARCIA AFONSO

Pelotas, 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – UFPEL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUAGEM, TEXTO E IMAGEM

DAIANE DE ALVARENGA GARCIA AFONSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras (área de concentração: Texto, discurso e imagem).

Orientadora: Daiane Neumann

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

A257a Afonso, Daiane de Alvarenga Garcia

A arte da linguagem [recurso eletrônico] : analisando a construção da significância em letras de canções de Elza Soares / Daiane de Alvarenga Garcia Afonso ; Daiane Neumann, orientadora. — Pelotas, 2023.
96 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras,
Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Língua. 2. Discurso. 3. Significância. 4. Letras de canções. I.
Neumann, Daiane, orient. II. Título.

CDD 469.5

Daiane de Alvarenga Garcia Afonso

“A arte da linguagem: analisando a construção da significância em letras de canções de Elza Soares”.

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 18 de dezembro de 2023

Banca examinadora:

Profa. Dra. Daiane Neumann Orientadora/Presidente da banca

Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dra. Jorama de Quadros Stein Membro da Banca

Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dra. Sabrina Vier Membro da Banca

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

AGRADECIMENTOS

Início expressando minha profunda gratidão à minha amada família. O apoio incondicional e o incentivo que recebi de cada um de vocês foram fundamentais para me manter firme durante este desafiador período. Aos meus filhos, Vini e Manu, meu coração se enche de emoção ao reconhecer a compreensão incrível que tiveram diante da minha ausência. Sei que não foi fácil, mas a paciência e o entendimento que demonstraram foram verdadeiramente notáveis. Vocês são minha fonte constante de inspiração. Suas palavras de encorajamento e o apoio silencioso fizeram toda a diferença para mim. Mesmo nos momentos em que minha presença física era limitada, nunca duvidem do quanto eu os valorizo e do quanto são essenciais em minha vida.

Quero, de maneira especial, dirigir minha gratidão ao meu esposo, Fernando. Nando, sua dedicação incansável, seu apoio financeiro e, acima de tudo, seu amor foram os pilares que sustentaram não apenas meu trabalho, mas nossos sonhos compartilhados. Juntos, enfrentamos tempestades e celebramos conquistas, e essa jornada não teria sido a mesma sem o amor e apoio de minha família. Vocês são a inspiração por trás dos meus esforços, a razão pela qual nunca desisto. Obrigado por serem minha âncora em meio às tormentas e minha fonte de alegria nos momentos de glória.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à professora Daiane Neumann, que desempenhou um papel fundamental ao me orientar, sugerir ideias e mediar não apenas no desenvolvimento desta pesquisa, mas também em todo o meu processo de aprendizagem. Além dela, é imprescindível expressar minha gratidão às professoras Sabrina Vier e Jorama de Quadros Stein, que aceitaram fazer parte da minha banca e proporcionaram sugestões valiosas e contribuições significativas ao meu trabalho.

Um agradecimento especial se estende aos colegas do grupo de pesquisa, cujas interlocuções em nossos encontros e compartilhamento de materiais foram de imensa importância. Não posso deixar de agradecer à minha dupla, de graduação, com quem enfrentei o desafio do mestrado em uma nova instituição. Essa jornada agregou novos conhecimentos e fortaleceu nossos laços. Gabi, sei que posso contar contigo sempre.

Gratidão.

Resumo

Afonso, Daiane de Alvarenga Garcia. *A arte da linguagem analisando a construção da significância em letras de canções de Elza Soares*. Orientadora: Daiane Neumann. 2023. 1..f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas 2023.

Este trabalho tem por objetivo discutir acerca da construção da significância em letras de canções da cantora e compositora Elza Soares a partir dos estudos da linguagem, com enfoque nos estudos apresentados pelo mestre Ferdinand Saussure, na “arte de pensar” de Émile Benveniste e na poética de Henri Meschonnic. A pesquisa tem como ponto de partida a noção de significância apresentada por Benveniste, que recupera noções de *sistema*, *arbitrariedade* e *valor* de Saussure e encontra eco na noção de significância em Meschonnic. Conforme Benveniste destaca no texto *Semiologia da língua*, “todo signo [é] tomado e compreendido em um SISTEMA de signos” (BENVENISTE, 2006, p. 45), sendo essa “a condição da SIGNIFICÂNCIA” (BENVENISTE, 2006, p. 45), pois não há signo transsistemático, e “o valor de um signo se define somente no sistema que o integra” (BENVENISTE, 2006, p. 54). Além disso, Benveniste (2006) afirma ser o caráter comum a todos os sistemas, e o critério de sua ligação à semiologia, a propriedade de significar ou a “SIGNIFICÂNCIA”, bem como sua composição em unidades de significância, ou signos. É possível perceber que há uma aproximação entre a noção de significância de Benveniste com a noção de valor de Saussure, visto que o linguista genebrino aponta que a língua é um sistema de signos e o valor de um signo é determinado através da relação opositiva que ele estabelece com os demais signos no interior do sistema que compõem. O linguista sírio afirma que a língua, sendo “investida de uma DUPLA SIGNIFICÂNCIA” (BENVENISTE, 2006, p. 64), associa dois modos distintos de significância, o modo semiótico – apresentado por Saussure – e o modo semântico. No modo semiótico, “cada signo é chamado a afirmar sempre e com a maior clareza sua própria significância no seio de uma constelação ou em meio a um conjunto dos signos” (BENVENISTE, [1989] 2012, p. 65). Em contrapartida, o modo específico de significância do semântico seria engendrado pelo discurso, que “não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente”, porque “não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o ‘intencionado’), concebido globalmente que se realiza e se divide em ‘signos’ particulares, que são as PALAVRAS” (BENVENISTE, [1989] 2012, p. 65). É possível compreender que a noção de sistema de valores utilizada por Saussure para discutir acerca da língua-sistema é recuperada por Benveniste para discutir acerca da língua-discurso, assim como da relação da língua com os outros sistemas semióticos. Com isso, este trabalho propõe-se a buscar ainda apoio na poética de Meschonnic, na qual o valor e o sistema do texto criam relações de forma e sentido, som e sentido, arbitrárias em relação à realidade. Meschonnic, portanto, propõe que se observe a historicidade tanto do sujeito quanto dos valores, passando a compreender o discurso como sistema, e não somente a língua como sistema, deixando de pensar o descontínuo do signo e considerando o contínuo da linguagem. Para Meschonnic, a significância é construída em um sistema de discurso em que a não distinção entre forma e sentido a torna também uma atividade, um efeito do discurso. O teórico da linguagem explica que a significância está em relação de continuidade com a noção de *ritmo*, sendo o sistema de discurso que atribui valor/significância às unidades. As

análises realizadas serão em letras de canções de autoria de Elza Soares, diante disso, não será analisado um álbum específico. No intuito de valorizar a escrita feminina, busco observar a significância em suas letras, atentando-me para a voz que perpassa a letra da canção, observando as relações discursivas que atravessam os níveis acentuais, prosódicos, sintáticos e morfológicos. Percebi considerando a escuta das letras de canções, que a significância em torno de temas sociais como desigualdade, luta por justiça e fé, se estabelece em torno de ecos prosódicos, rimas e repetições.

Palavras-chave: Língua; discurso; significância; letras de canções.

Resumen

Afonso, Daiane de Alvarenga Garcia. *El arte del lenguaje analizando la construcción de la significación en letras de canciones de Elza Soares*. Orientadora: Daiane Neumann. 2023. 1..f. Disertación (Maestría en Letras) - Facultad de Letras, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas 2023.

Este trabajo tiene por objetivo discutir acerca de la construcción de la significación en letras de canciones de la cantante y compositora Elza Soares a partir de los estudios del lenguaje, con enfoque en los estudios presentados por el maestro Ferdinand Saussure, en el "arte de pensar" de Émile Benveniste y en la poética de Henri Meschonnic. Teniendo como punto de partida la noción de significación presentada por Benveniste, que recupera nociones de sistema, arbitrariedad y valor de Saussure y encuentra eco en la noción de significación en Meschonnic. Según destaca Benveniste en el texto *Semiología de la lengua*, "todo signo [es] tomado y comprendido en un SISTEMA de signos" (BENVENISTE, 2006, p. 45), siendo esa "la condición de la SIGNIFICANCIA" (BENVENISTE, 2006, p. 45), pues no hay signo transsistemático, y "el valor de un signo se define solamente en el sistema que lo integra" (BENVENISTE, 2006, p. 54). Además, Benveniste (2006) afirma ser el carácter común a todos los sistemas, y el criterio de su conexión a la semiología, la propiedad de significar o la "SIGNIFICANCIA", así como su composición en unidades de significación, o signos. Es posible percibir que hay una aproximación entre la noción de significación de Benveniste con la noción de valor de Saussure, ya que el lingüista ginebrino señala que la lengua es un sistema de signos y el valor de un signo es determinado a través de la relación opositiva que él establece con los demás signos en el interior del sistema que componen. El lingüista sirio afirma que la lengua, siendo "investida de una DUPLA SIGNIFICANCIA" (BENVENISTE, 2006, p. 64), asocia dos modos distintos de significación, el modo semiótico-presentado por Saussure- y el modo semántico. En el modo semiótico, "cada signo está llamado a afirmar siempre y con la mayor claridad su propia significación en el seno de una constelación o en medio de un conjunto de signos" (BENVENISTE, [1989] 2012, p. 65). En cambio, el modo específico de significación del semántico sería engendrado por el discurso, que "no se reduce a una sucesión de unidades que deben ser identificadas por separado", porque "no es una adición de signos que produce el sentido, es, en cambio, el sentido (el 'intencionado'), concebido globalmente que se

realiza y se divide en 'signos' particulares, que son las PALABRAS" (BENVENISTE, [1989] 2012, p. 65). Es posible comprender que la noción de sistema de valores utilizada por Saussure para discutir acerca de la lengua-sistema es recuperada por Benveniste para discutir acerca de la lengua-discurso, así como de la relación de la lengua con los otros sistemas semióticos. Con eso, este trabajo se propone a buscar aún apoyo en la poética de Meschonnic, en la cual el valor y el sistema del texto crean relaciones de forma y sentido, sonido y sentido, arbitrarias en relación a la realidad. Meschonnic, por lo tanto, propone que se observe la historicidad tanto del sujeto como de los valores, pasando a comprender el discurso como sistema, y no solamente la lengua como sistema, dejando de pensar el discontinuo del signo y considerando el continuo del lenguaje. Para Meschonnic, la significación se construye en un sistema de discurso en el que la no distinción entre forma y sentido la hace también una actividad, un efecto del discurso. El teórico del lenguaje explica que la significación está en relación de continuidad con la noción de ritmo, siendo el sistema de discurso que asigna valor/significación a las unidades. Los análisis realizados serán en letras de canciones de autoría de Elza Soares, delante de eso, no será analizado un álbum específico. En el intento de valorizar la escritura femenina, busco observar la significación en sus letras, atentándome para la voz que atraviesa la letra de la canción, observando las relaciones discursivas que atraviesan los niveles acentuales, prosódicos, sintácticos y morfológicos. Percibí considerando la escucha de las letras de canciones, que la significación en torno a temas sociales como desigualdad, lucha por justicia y fe, se establece en torno a ecos prosódicos, rimas y repeticiones.

Palabras clave: Lengua; discurso; significancia; letras de canciones.

Sumário

1 Considerações iniciais	8
2 Da construção do sentido à construção da significância na linguagem: um percurso teórico	13
2.1 <i>Ferdinand de Saussure: o sentido na linguagem</i>	15
2.1.1 <i>Língua e sociedade</i>	16
2.1.2 <i>Noção de sistema e a noção de valor</i>	21
2.2 - Émile Benveniste: o sentido na linguagem	29
2.2.1 <i>Émile Benveniste: um retorno a Ferdinand Saussure</i>	30
2.2.2 <i>A leitura particular feita por Émile Benveniste acerca do pensamento saussuriano</i>	32
2.2.3 <i>Língua e Sociedade</i>	34
2.2.4 <i>Sujeito na e pela linguagem</i>	37
2.2.5 <i>Semiótico e semântico</i>	41
3 Émile Benveniste e Henri Meschonnic: a significância - uma semântica específica	45
3.1 <i>Émile Benveniste e a semiologia de segunda geração</i>	47
3.1.1 <i>As notas manuscritas de Émile Benveniste</i>	50
3.1.2 <i>O encontro da poética de Benveniste com a poética de Meschonnic</i>	57
3.2 <i>A poética de Henri Meschonnic</i>	63
4. Análises nas letras das canções de Elza Soares	77
4.1 <i>Menino</i>	77
4.2 <i>Somos todos iguais</i>	81
4.3 <i>A cigarra</i>	83
4.4 <i>Não tá mais de graça</i>	86
5. Considerações Finais	91
Referências Bibliográficas	94

1 Considerações iniciais

Este trabalho surge da minha inquietação ao perceber a importância que as análises linguísticas em letras de canções poderiam oferecer para os estudos da linguagem, pois, através da presente pesquisa, busco demonstrar que o sentido do texto está no todo e não em unidades linguísticas isoladas. A partir disso, chego no método de análise que observa a construção da significância em letras de canções, em especial nas letras de canções de Elza Soares. A escolha por suas letras se deve ao fato de considerá-la um símbolo de poder e força feminina. Inicialmente, minha intenção era discutir sobre a figura do feminino, motivada pelo conhecimento das canções de Elza Soares, muitas das quais abordam essa temática. No entanto, fui surpreendida, ao constatar que as letras escritas pela cantora tratam de outras temáticas¹. Contudo, visando a valorizar a produção da escrita feminina, decidi manter a análise das letras escritas por Elza Soares². Com isso, entendo que este estudo contribuirá para ampliar as fronteiras inter/transdisciplinares entre os campos da linguística, literatura e artes.

Desse modo, busco, por meio desta pesquisa, analisar a construção da significância nas letras de algumas das canções da cantora e compositora Elza Soares, tendo como base as teorias linguísticas, com enfoque nos estudos apresentados pelo mestre Ferdinand Saussure, na “arte de pensar”³ de Émile Benveniste e na poética de Henri Meschonnic. Conforme afirma Benveniste em um de seus textos, a língua, sendo “investida de uma DUPLA SIGNIFICÂNCIA” (BENVENISTE, [1969] 2012, p. 64), associa dois modos distintos de significância, ou seja, o modo semiótico – apresentado por Saussure – e o modo semântico. Com isso, antes de analisar as letras das canções, é preciso compreender como se constrói

¹ No capítulo das análises, serão discutidas as temáticas que perpassam as canções de Elza Soares.

² Minhas análises não serão em um álbum específico da cantora, mas sim em canções autorais da compositora. Sendo assim, as canções pertencem a diversos álbuns, mas todas serão de autoria de Elza Soares.

³ Dessons explica que a poética benvenistiana se estabelece a partir do que ele entende como a arte de pensar, “no sentido de que o que é dito em seus trabalhos [de Benveniste] aparece inseparável da maneira como é dito” (DESSONS; NEUMANN; OLIVEIRA, 2020, p. 379).

o sentido na língua-discurso⁴. Nota-se que a noção de significância apresentada por Benveniste retoma noções de Saussure, devido a isso, antes de percorrer a teorização benvenistiana, é preciso revisitar a teoria saussuriana, para assim compreender o ponto de partida de Benveniste e, conseqüentemente, compreender as bases de sua teoria.

Assim, minha abordagem teórica começará com a obra *Curso de Linguística Geral* de Saussure, na qual buscarei discutir acerca dos principais conceitos saussurianos que servem de base para minha reflexão sobre a noção de significância, pois conforme já mencionei, Benveniste, calcado nos estudos saussurianos, apresenta-nos tal noção recuperando noções do linguista genebrino. Dessa forma, para compreender essa noção, é fundamental primeiro entender os conceitos discutidos por Saussure. Posteriormente, aprofundar-me-ei nas obras de Émile Benveniste, *Problemas de Linguística Geral I e II*, com o objetivo de explorar a estrutura teórica do linguista sírio e, principalmente, entender a noção de significância. Além disso, examinarei a poética de Henri Meschonnic, uma vez que a noção de significância de Benveniste encontra eco na abordagem de Meschonnic. Em outras palavras, a teoria meschonniquiana está fundamentada na constelação teórica de Saussure e Benveniste.

Dentro desse contexto, é importante ressaltar que Benveniste e Meschonnic retomaram os estudos de Saussure, não objetivando a repetição tampouco a correção, mas sim a reconstrução. Assim como os teóricos da linguagem, busquei trabalhos que dialogassem com o que me propus a desenvolver, não para os corrigir, mas para tê-los como referência e inspiração. Desse modo, tenho como base duas autoras, Vier (2008) e Rizzo (2019), que produziram trabalhos que dialogam com esta dissertação. Essas duas pesquisadoras analisaram letras de canções, Vier (2008) analisou canções de Chico Buarque, Rizzo (2019), letras de canções do Teatro Mágico.

⁴ O entendimento de língua, aqui proposto, relaciona-se à posição de Benveniste: “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem” (BENVENISTE, 2012, p. 140). Dessa forma, compreende-se a língua aqui enquanto língua-discurso, composta do domínio semiótico e semântico.

A primeira pesquisadora desenvolveu seu trabalho buscando a singularidade na/da linguagem poética e explica que “a linguagem poética apresenta um modo específico de significância, diferentemente da linguagem ordinária” (VIER, 2008, p. 94). Conforme Vier (2008) destaca parafraseando Benveniste⁵, “antes da enunciação, a canção não é senão possibilidade da canção”, e só “depois da enunciação, a canção é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um enunciador, forma melódica que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno”. (VIER, 2008, p. 17). Ao estabelecer uma relação entre canção e enunciação, a pesquisadora aponta-nos para a importância de analisar tal objeto. Vier (2008) analisou canções tendo como base teórica os estudos de Benveniste. A pesquisadora, não se limitando exclusivamente às letras das canções, contrasta com a abordagem da pesquisa que estou propondo realizar. Além disso, a pesquisadora não se valeu das teorias de Saussure e Meschonnic em seu estudo, marcando uma diferença fundamental entre nossos trabalhos. Por outro lado, minha pesquisa baseia-se na teorização de Benveniste para conduzir as análises, e é por isso que o trabalho de Vier (2008) serviu de fonte de inspiração.

Já a pesquisa produzida por Rizzo (2019) apresenta mais semelhanças com o meu trabalho. A pesquisadora também se dedicou à análise da construção da significância em letras de canções, além de ter explorado a teorização de Saussure e a poética de Meschonnic. Nesse sentido, a pesquisa que estou desenvolvendo continua aquela realizada por ela. No entanto, as diferenças surgem, primeiro, aprofundar-me-ei na obra de Meschonnic e, segundo, porque as análises serão calcadas em letras de canções de Elza Soares, enquanto Rizzo se concentrou nas letras de canções do Teatro Mágico.

Depois da breve exposição anterior sobre as fontes de inspiração para o meu trabalho, retomo agora a discussão sobre os linguistas que constituem a base teórica da minha pesquisa. Vale ressaltar a reflexão de Benveniste ([1969] 2012), o qual explica que a língua é o único sistema cuja articulação da significância se estabelece

⁵ “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (Benveniste, 1974/1989, p. 83-84).

em duas dimensões, desse modo há sistemas cuja articulação da significância dar-se-ia a partir do semiótico, sem semântico, como é o caso de gestos de cortesia, mudrãs, e sistemas cuja articulação da significação se dar-se-ia a partir do semântico, sem semiótico, como é o caso das expressões artísticas. De acordo com o teórico da linguagem, é no interior de uma composição artística que são descobertas as relações significantes da “linguagem”. A arte trata-se de uma obra de arte particular, na qual o artista cria redes de relações de oposições e valores que “ele manipula soberanamente, não tendo nem ‘resposta’ a dar, nem contradição a eliminar, mas somente uma visão a exprimir, segundo critérios, conscientes ou não, de que a composição inteira dá testemunho e torna manifesto”. (BENVENISTE, [1989] 2012, p. 60).

Meschonnic, calcado nas reflexões de Saussure e Benveniste, relaciona a noção de significância com a noção de valor de Saussure, pois para o primeiro, a significância é construída a partir da teia de relações prosódicas, rítmicas, originadas das “combinações entre significantes errantes pelo texto, pela obra. É o sistema de discurso que atribui valor, significância às unidades, seja em nível acentual, prosódico, fonológico, morfológico, sintático ou lexical”. (NEUMANN, 2020, p. 402).

Além de Neumann (2020), ancore-me em Vidales (2020), a qual destaca que Meschonnic considera simultaneamente o sistema, o valor, o funcionamento e o radicalmente arbitrário, a sincronia junto com a diacronia, as diversas relações associativas e sintagmáticas, de Saussure, fugindo do olhar estruturalista lançado sobre a teoria saussuriana, e olhando a língua “[...] *nela mesma e por ela mesma*”. (MESCHONNIC, 2007, p. 59 *apud* VIDALES, 2020, p.39). Desse modo, percebe-se que Meschonnic abarca em sua teoria as noções apresentadas por Saussure e Benveniste.

Após essa síntese inicial que descreve e aponta o caminho que a presente pesquisa irá percorrer, ressalto que no primeiro capítulo a abordagem será acerca da teorização de Ferdinand de Saussure, chegando à arte de pensar de Émile Benveniste, pois farei um trajeto cronológico. No capítulo três, a discussão será sobre a significância, uma semântica específica, presente na teoria benvenistiana e que encontra eco na poética de Meschonnic. No capítulo final, serão apresentadas as

análises das letras, abrangendo a trajetória teórica discutida ao longo deste trabalho. Nas considerações finais, apresento a conclusão desta pesquisa.

2 Da construção do sentido à construção da significância na linguagem: um percurso teórico

Neste capítulo, explorarei o caminho teórico delineado no *Curso de Linguística Geral*, com o intuito de examinar os princípios propostos por Ferdinand Saussure sobre o objeto de estudo da linguística, a língua⁶. O objetivo é compreender como o sentido nela é construído. Avançarei, então, para a teoria de Benveniste, buscando principalmente entender a noção de significância por ele apresentada.

Conforme Saussure ([1916] 2012) explica, no primeiro capítulo da obra, a linguística, antes de reconhecer o verdadeiro e único objeto, passou por três fases sucessivas: gramática, filologia e gramática comparada. Nenhuma delas tinha como objeto central de estudo a própria língua. Os estudos apresentados por Saussure contrastam com as abordagens da época, especificamente a gramática tradicional, cujo foco era exclusivamente na formulação de regras para discernir entre formas linguísticas corretas e incorretas. Além disso, Saussure questiona as pesquisas que comparam línguas em busca da *língua-mãe*. Dessa forma, o linguista genebrino oferece uma perspectiva inovadora, sobretudo devido à sua atenção à reflexão sobre objeto e método, bem como à preocupação com o estudo da língua falada.

Saussure ressalta, ainda, que, diferentemente das outras ciências, cujos estudos são realizados com objetos *a priori*, o estudo da língua representa uma exceção a essa abordagem, em que “[...] é o ponto de vista que cria o objeto [...]” (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 39). A língua não existe *a priori*, tampouco um dado dentro dela, por isso, ao observá-la, construímos um ponto de vista, e consequentemente, um conceito de língua. Segundo Normand (2009), qualquer descrição é realizada de acordo com a delimitação de um ponto de vista, e um deles não se apresenta como superior ao outro.

Desse modo, o linguista define a língua como “[...] um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE,

⁶ Aqui discuto sobre a noção de língua proposta por Saussure. Essa noção será esclarecida no decorrer do texto.

[1916] 2012, p. 41). E explica que “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto utilizado pela comunidade surda, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc”. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 47). Dessa constatação, o teórico da linguagem propõe a *Semiologia* como a ciência que estuda a vida dos signos no seio da sociedade. A língua é uma convenção social, dentro de uma comunidade linguística, construída por sistema de signos. Cada língua tem seu sistema de signos linguísticos, que estabelece relações entre os elementos do sistema, que constroem seus valores a partir dessas relações.

A partir desse ponto, Benveniste desenvolve uma pesquisa fundamentada nos princípios saussurianos, mas busca ir além, seguindo a trajetória iniciada por Saussure, que postulava que a semiologia se basearia no princípio de que o signo linguístico é arbitrário. Assim, o foco principal da semiologia, conforme Benveniste, seria “o conjunto dos sistemas fundados sobre o arbitrário do signo” (CLG, p. 100 *apud* BENVENISTE, 2006, p. 50). Contudo, Benveniste percebe que “não menos que os sistemas de signos, as RELAÇÕES entre estes sistemas constituirão o objeto da semiologia” (BENVENISTE, 2006, p. 51). Sendo assim, toma como o “problema central” da semiologia “o estatuto da língua em meio aos sistemas de signos” (BENVENISTE, 2006, p. 51).

A teorização de Benveniste não é aquela que irá repetir ou corrigir a teoria saussuriana; ela representa uma extensão dos princípios estabelecidos por Saussure. Além de introduzir novas noções, como a significância, Benveniste ancora essa noção em fundamentos teóricos saussurianos, como a noção de *sistema*, *arbitrariedade* e *valor*. A evidência dessa incorporação de noções saussurianas por Benveniste é observável em seu texto *Semiologia da língua*. Ao explicar a noção de significância, o teórico declara que, “todo signo [é] tomado e compreendido em um SISTEMA de signos” (BENVENISTE, 2006, p. 45), sendo essa “a condição da SIGNIFICÂNCIA” (BENVENISTE, 2006, p. 45), pois não há signo transsistemático, e “o valor de um signo se define somente no sistema que o integra” (BENVENISTE, 2006, p. 54).

Outrossim, Benveniste (2006) afirma ser o caráter comum a todos os sistemas, e o critério de sua ligação à semiologia, a propriedade de significar ou a “SIGNIFICÂNCIA”, bem como sua composição em unidades de significância, ou

signos. É perceptível que há uma aproximação entre a noção de significância de Benveniste com a noção de valor de Saussure, visto que o linguista genebrino aponta que a língua é um sistema de signos, e o valor de um signo é determinado pela relação opositiva que ele estabelece com os demais signos dentro do sistema em que está inserido.

Diante disso, reconheço a importância de revisitar os estudos saussurianos para uma compreensão mais aprofundada do ponto de partida de Benveniste, focando especialmente na noção de significância (DUPLA SIGNIFICÂNCIA da língua). É crucial também revisitar seus manuscritos, em particular o dossiê Baudelaire, no qual ele retoma parte das discussões presentes no texto *Semiologia da língua*. Esses manuscritos proporcionam uma visão sobre a compreensão de Benveniste acerca do literário, um aspecto relevante para uma pesquisa que se propõe a analisar a arte da linguagem. Nesse contexto, é possível examinar a ligação dele com a literatura e o encontro de sua poética com a de Meschonnic. Por fim, alcanço a poética de Meschonnic, desenvolvida a partir das teorias de Saussure e Benveniste.

Sendo assim, a seguir, serão considerados os princípios teóricos suscitados para entender a construção do sentido para Saussure, e, logo após, irei percorrer a teorização benvenistiana e, assim, analisar o pensamento de Benveniste acerca da noção de significância, e, principalmente, conforme mencionei anteriormente, observar a recuperação de noções saussurianas feita pelo linguista sírio para apresentar e explicar novas noções.

2.1 Ferdinand de Saussure: o sentido na linguagem

Nesta subseção discutirei acerca da construção do sentido na língua na teorização saussuriana. Como mencionei no início deste capítulo, percorrerei alguns dos princípios apresentados por Ferdinand Saussure na obra *Curso de Linguística Geral*, assim como outros textos que abordam o pensamento saussuriano como é o

caso da obra intitulada *Saussure* da autora Claudine Normand. Inicialmente, serão revisitados os princípios que descrevem a relação que há entre língua e sociedade. No segundo momento, a reflexão será acerca do sistema de funcionamento da língua, a noção de valor e o princípio da arbitrariedade que promovem a base para a construção do sentido.

2.1.1 Língua e sociedade

Como ponto de partida para esta subseção, inicio a reflexão tomando a abordagem de Saussure, que define a linguagem como aquela composta por dois lados, um individual e outro social, sendo eles inseparáveis. O teórico da linguagem destaca que o lado individual é a fala, e o social, a língua. Embora haja uma separação entre língua e fala, essa separação é somente metodológica, para assim construir o objeto de estudo da linguística, a língua. Com o propósito de explicar-me, ressalto o trecho da obra, em que Saussure sublinha que “[...] a fala faz evoluir a língua [...]. Existe, pois, interdependência da língua e da fala [...]. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas” (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 51). Sendo assim, o linguista investiga a língua, pois essa, diferentemente da fala, apresentaria uma recorrência maior de fenômenos, seria mais estável.

Dessa forma, Saussure compreendeu a língua enquanto objeto de estudo da linguística, definindo-a como “[...] um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 41). Logo, a língua é uma convenção social, dentro de uma comunidade linguística, formada por um sistema de signos. Cada língua possui seu sistema de signos, que estabelece relações entre os elementos do sistema e constrói seus valores a partir dessas relações.

Conforme destaca Normand (2009), Saussure, ao responder, diante do questionamento “o que é língua?”, “é um sistema”, e ao explicitar como funciona esse sistema de unidades linguísticas, rompe com a epistemologia da época, a qual explicava que a língua era reflexo do mundo, ou seja, Saussure toma a língua por ela mesma. No capítulo *Natureza do signo linguístico*, o linguista declara que a língua

não deve ser vista como uma simples nomenclatura, uma lista em que se determinam os nomes das “coisas”. Mas “essa visão simplista pode aproximar-nos da verdade, mostrando-nos que a unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos” (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 106).

Saussure aponta que o signo linguístico é a união entre um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante), e não é a união de uma coisa com uma palavra. Em seguida, menciona que “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces”. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 106). Na sequência, o teórico da linguagem sublinha que “esses dois elementos estão intimamente unidos”. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 107). Saussure explica que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário”(SAUSSURE, [1916] 2012, p. 108). Logo, o teórico da linguagem, define que o *signo linguístico é arbitrário*. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 108).

Normand (2009) esclarece que, na teoria saussuriana, o termo signo não é desvelado sozinho, isto é, aparece juntamente com a expressão sistema de signos e, ao notar isso, faz compreender a natureza da língua. Partindo dessa explicação acerca da natureza da língua, Saussure propõe que a *Semiologia* é a ciência que estuda a vida dos signos no seio da sociedade e que a linguística é um ramo dessa ciência. Conforme destacam as autoras, Figueiredo e Neumann:

A linguística seria, então, uma parte da semiologia, um sistema particular a ela pertencente. O linguista genebrino afirma também que a semiologia ensinará em que consistem os signos e que leis os regem, o que significa que ela é uma ciência mais ampla que a linguística, abarcando-a, mas não se limitando a ela. De modo similar, os princípios semiológicos regem a língua, mas não podem ser ditos específicos dela, já que operam também em outros sistemas semiológicos. (FIGUEIREDO; NEUMANN, 2023, p.5)

É possível compreender primordialmente que, nos estudos linguísticos, o linguista ou a linguista deve estudar a língua a partir do sistema, e não reduzi-la a um instrumento de comunicação.

Desse modo, é importante perceber o funcionamento desse sistema que integra a língua. Portanto, para compreender como funciona o sistema linguístico, percorremos o capítulo II do *CLG*, o qual aborda sobre a imutabilidade e a mutabilidade. Nele, o linguista explica a relação entre sistema e sociedade. Saussure

destaca que a língua tem a capacidade de se transformar, mas que essa transformação não acontece de forma livre. Por meio do princípio de imutabilidade, o linguista explica a impossibilidade que um único sujeito falante tem diante da língua de atribuir um significado diferente para um determinado signo.

Conforme Saussure afirma, a língua não deve ser entendida como um mero contrato, e é justamente por esse lado que o signo linguístico é de particular interesse. O linguista genebrino continua e explica que não é só “dizer que a língua é o produto de forças sociais para se perceber claramente que ela não é livre; ao se lembrar que se trata sempre da herança de uma época precedente, é preciso acrescentar-se que tais forças sociais agem em função do tempo”. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 111-119). O linguista esclarece que a língua tem um caráter de imutabilidade, não apenas por estar atrelada ao peso da coletividade, mas também por se situar no tempo. Dessa forma, esses dois fatores são inseparáveis. Segundo ele, “a todo momento, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher [...]. É porque o signo é arbitrário que este desconhece outra lei além da tradição e é por se fundar na tradição que ele pode ser arbitrário”. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 111-119).

Desse modo, o linguista conjectura que não existe um parecer social da massa falante que estabeleça se um significante pode ser relacionado a algum significado em específico. Como mencionado anteriormente, indivíduos isolados não têm o poder de alterar ou criar um novo signo, e a coletividade não pode estabelecer regras para uma única palavra, porque, ao mesmo tempo em que a coletividade contribui para a evolução da língua, ela também está submetida às regras estabelecidas.

Dessa forma, no *CLG*, Saussure ressaltava quatro considerações que evidenciam como o signo escapa à vontade; 1) O caráter arbitrário do signo, o que significa que não há uma conexão natural entre as palavras e seus significados. Isso torna a língua teoricamente suscetível a mudanças, mas também a protege contra alterações arbitrárias, já que qualquer mudança precisa ser baseada em uma norma razoável. 2) A multidão de signos: Uma língua é composta por uma grande quantidade de signos linguísticos, tornando-a complexa e única. Isso a diferencia de sistemas de escrita mais simples que podem ser substituídos mais facilmente. 3) Complexidade do sistema: Uma língua é um sistema complexo que só pode ser compreendido através da reflexão. Mesmo aqueles que a utilizam diariamente muitas vezes não

compreendem profundamente sua estrutura. 4) Resistência à mudança: A língua é uma instituição social que oferece poucas oportunidades para a massa promover mudanças. Ela é profundamente enraizada na vida das pessoas e é vista principalmente como um fator de conservação.

Na sequência, Saussure expõe a reflexão de que a língua não é só um produto de forças sociais, ela está intimamente atrelada ao tempo e “constitui sempre a herança de uma época precedente” (SAUSSURE, [1916] 2012, p.114). Isto é, coletividade e tempo são fatos inseparáveis, a todo momento o vínculo com o passado faz com que a liberdade do presente seja posta em xeque, o linguista genebrino, então, apresenta mais uma reflexão, referindo-se ao tempo e à arbitrariedade:

Dizemos homem e cachorro porque antes de nós se disse homem e cachorro. Isso não impede que exista no fenômeno total um vínculo entre esses dois fatores antinômicos: a convenção arbitrária, em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se acha fixada. Justamente porque o signo é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário. (SAUSSURE, 2012, p. 114).

Saussure, ao explorar o princípio da mutabilidade, aponta que o tempo, que é responsável por tornar a língua imutável, também abarca um efeito antagônico ao signo, porque pode transformá-lo rapidamente. Isso ajuda a compreender a dualidade da mutabilidade e imutabilidade do signo linguístico, pois o signo pode se modificar devido ao princípio da continuidade, embora em alguns casos a matéria velha possa persistir. O *Curso de Linguística Geral* (CLG) argumenta que tais transformações ocorrem na língua sem que os falantes tenham controle individualmente sobre ela, tornando a língua inatingível, mas não inalterável. A partir desses princípios de mutabilidade e imutabilidade do signo linguístico, Saussure introduz a noção de *valor do signo linguístico*, pois a cada mudança, o signo adquire um novo valor. Essa noção será examinada com maiores detalhes na próxima subseção.

Posto isso, compreende-se que a língua envolve dois fenômenos distintos: um que representa a mudança ao longo do tempo, e outro que representa um estado estático. Para explicar essas duas linguísticas, a *Evolutiva* e a *Estática*, Saussure introduz a linguística *sincrônica* e a *diacrônica*. Ele define tais fenômenos, afirmando que “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência,

diacrônico tudo que diz respeito às evoluções” (SAUSSURE, [1916] 2012, p.123). Segundo Normand (2009), é um desafio particular, provavelmente central, pensar concomitantemente acerca da estabilidade do uso, sentida pelos locutores, ou seja, a língua como instituição social, com suas significações compartilhadas em comum, e o que se impõe ao linguista como um *princípio absoluto*.

Outro ponto importante, presente na reflexão de Saussure, é o segundo princípio, *caráter linear do significante*, embora seja um princípio evidente, muitas vezes é negligenciado devido à sua aparente simplicidade. No entanto, é fundamental para o funcionamento de todo o mecanismo da língua. Isso ocorre porque, como Saussure explica, “o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (SAUSSURE, [1916] 2012, p.110). A partir disso, é possível considerar as oposições que acontecem na língua sendo melhor vistas na escrita por meio da sucessão dos signos gráficos.

De acordo com Normand (2009), é em virtude do caráter linear do significante que podemos recortar palavras dentro da frase, possibilitando segmentar o discurso em unidades significativas, como palavras, frases ou elementos linguísticos menores. Ao fazê-lo, podemos perceber as relações existentes entre essas unidades e, o que é ainda mais importante, podemos manipulá-las para criar novas relações e significados. Essa capacidade de segmentar, analisar e reorganizar as unidades significativas é o que torna a língua dinâmica. A língua não é estática; ela está constantemente evoluindo e se adaptando às necessidades e criatividade dos falantes. Portanto, a “vida semiológica”⁷ da língua refere-se a essa atividade constante de alteração e reorganização que ocorre no discurso à medida que as pessoas usam a língua para se comunicar de maneiras novas. Em suma, essa dinâmica da língua é o que a mantém viva e em constante evolução.

⁷ Expressão utilizada em NORMAND, 2009, p.147.

A autora explica que as mudanças que ocorrem na língua, via discurso através da interação social, somente são perceptíveis com o tempo. Sendo assim, considerando que um sistema é formado por signos e que esses se alteram ao longo do tempo, mesmo que o falante não perceba as novas atribuições de sentido, tampouco as reorganizações semânticas, a língua altera-se. Em síntese, é possível compreender que para Saussure ([1916] 2012), a linguagem precisa de um sistema estabelecido e que evolua. Esse sistema se manifesta por meio da língua pelo circuito da fala, logo a linguagem é o vínculo entre um ato individual e o social, pois todos indivíduos de uma comunidade linguística proferem relativamente os mesmos signos.

A partir dessas considerações, percebo a intrínseca associação entre língua e sociedade, pois o sistema de signos se constrói por meio do discurso na interação social. É por esse motivo que denominei esta subseção como *Língua e sociedade*, destacando algumas questões da reflexão de Saussure no CLG, que fornecem princípios para a compreensão desse vínculo fundamental entre língua e sociedade. Essa relação é de constituição, não reflexo. A língua não reflete a sociedade tampouco é um meio de comunicação; ao contrário, língua e sociedade se constituem mutuamente. Portanto, abordei inicialmente a relação entre língua e sociedade, reconhecendo que, embora o foco central deste capítulo seja compreender a construção de sentido, isso não seria possível sem uma compreensão prévia da relação entre língua e sociedade. Na próxima subseção, buscarei compreender a construção de sentido na língua, explorando a noção de valor em Saussure.

2.1.2 Noção de sistema e a noção de valor

Conforme Saussure ([1916] 2012), a compreensão da razão pela qual a língua é considerada um sistema de valores puros requer a análise de dois elementos fundamentais em seu funcionamento: as ideias e os sons. Ao examinar nosso pensamento sem levar em conta seu caráter linguístico, percebe-se que ele é apenas uma massa amorfa e indistinta. O linguista destaca a concordância entre filósofos e linguistas de que, sem o uso de signos, seria impossível diferenciar claramente duas ideias, devido à imprecisão do pensamento, à ausência de delimitações e por não existir ideias dadas a priori.

Na obra *Curso de linguística geral*, o linguista explica que a língua tem o papel característico diante do pensamento de servir de intermediário entre o pensamento e o som, e não de criar um meio fônico material com o propósito de exprimir ideias. Para compreender melhor o que foi mencionado anteriormente, retomo a noção de significado (conceito) e significante (imagem acústica), conforme analogia exposta no CLG, a qual compara a língua com uma folha de papel:

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 159).

Sendo assim, é possível entender que o pensamento está em uma face e o som em outra, e o valor se dá na fronteira entre as duas faces. De acordo com Normand (2009), quando não soubermos diferenciar o uso do termo “unidade” ou “entidade”, usamos “valor”, porque ele designa as relações existentes entre ordens diferentes, o que já era antecipado por Saussure (2004, p. 168): “o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido, quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação”.

Para Saussure, o valor do signo é definido dentro do sistema da língua por oposição, ou seja, “[...] na língua cada termo tem seu valor pela oposição aos outros termos” (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 130). Cada signo linguístico tem seu valor definido na relação com os outros signos do sistema. Saussure exemplifica a noção de valor ao fazer uma analogia com o jogo de xadrez no qual cada peça tem seu valor estabelecido dentro do jogo e com relação às demais peças. Isso ocorre com a língua, em que cada signo tem seu valor estabelecido na relação com os demais signos da língua, ou seja, o valor da peça não está relacionado a sua substância (materialidade), mas está vinculado à relação de oposição com as outras peças.

Dessa maneira, não existe signo linguístico sem valor, assim como não existe significado sem significante, significante sem significado. Essa relação entre significado/significante constrói-se a partir do sistema, e ao pensar sobre essa relação, é necessário considerar o signo em suas relações com os demais termos. Nesse momento, noto que é impossível desprender significação de valor. Saussure

ressalta que “o valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícil saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob dependência”.(SAUSSURE, [1916] 2012, p.161). Se costuma representar a significação através da seguinte imagem:



Figura 1: Significação

Fonte: SAUSSURE, [1916] 2012, p.161.

No entanto, a significação não é, como está sendo indicado pelas flechas da imagem, mais que a contraparte da imagem acústica. Tudo ocorre entre a imagem acústica e o conceito, nos limites da palavra considerada um domínio fechado existente por si próprio. Porém, há um aspecto contraditório na questão, pois de um lado o conceito surge como a contraparte da imagem acústica no interior do signo, e de outro, esse mesmo signo, ou seja, a relação que une seus dois elementos, é, também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua.

Na sequência, no *CLG*, é exposta uma outra figura, conforme a representação abaixo:



Figura 2: Sistema

Fonte: SAUSSURE, [1916] 2012, p.161

A partir desse esquema e conforme explica Saussure, a língua é um sistema em que todos os termos são solidários, e o valor de um resulta somente da presença simultânea de outros. Portanto, é através da relação entre signos que seus valores são estabelecidos. Conforme Saussure afirma, “a língua apresenta, pois, este caráter estranho e surpreendente de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que se possa duvidar, entretanto, de que existam e que é seu jogo que a constitui” (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 152).

Desse modo, o signo linguístico é pura diferença, e com isso não conseguimos acessar sua identidade, o que acessamos é a sua negatividade advinda da relação com os demais signos, ou seja, “um signo é tudo o que outro não é”, a identidade de um signo é movente, não é estável, a definição de uma unidade linguística só é possível a partir da relação dela com as demais unidades linguísticas.

Segundo Figueiredo (2023), a noção de valor, proposta por Saussure, foi negligenciada num contexto de recepção francesa e, no Brasil, por ter tido uma recepção mais recente, ainda há muito a ser estudado sobre essa noção e sua relação com a noção de significação/sentido.

Na renomada obra, Saussure explica que uma unidade linguística pode ser trocada por algo que esteja em sua oposição: uma ideia, ou ainda pode ser comparada com algo da mesma natureza, como outra unidade, por exemplo. O teórico da linguagem ressalta que o valor não estará fixado enquanto a preocupação não for comprovar que ele pode ser alterado por qualquer conceito semelhante, isto é, para ter uma determinada significação, é necessário, acima de tudo, compará-lo com os valores semelhantes, com as unidades que se lhe podem opor. As unidades linguísticas fazem parte de um sistema e estão envolvidas não só pela significação, como também por um valor, o que é algo muito diferente. Isso faz compreender que há uma relação, entre o valor e a significação/sentido, de dependência e não de sinonímia.

Para esclarecer melhor a noção de valor na teoria saussuriana, anco-ro-me nas palavras de Normand (2009), a qual afirma que o conceito de valor, apresentado no *CLG*, está vinculado com as noções de arbitrário, social e sistema, o que constituiria a essência da semiologia. Para corroborar com isso, a autora lança mão da comparação do jogo de xadrez, apresentada por Saussure:

Tomemos um cavalo: será ele por si só um elemento do jogo? Certamente não, pois, em sua materialidade pura, fora de sua casa no tabuleiro e das outras condições do jogo, ele não representa nada para o jogador e só se torna elemento real e concreto uma vez revestido de seu valor e fazendo corpo com ele. Suponhamos que, no decorrer de uma partida, tal peça venha a ser destruída ou perdida: pode-se substituí-la por outra equivalente? Certamente: não somente um outro cavalo como uma outra figura desprovida de qualquer semelhança com esta será declarada idêntica, contanto que se lhe atribua o mesmo valor [...]. Eis porque, definitivamente, a noção de valor recobre a de entidade e de realidade. (SAUSSURE, [1916] 2012, p.156).

Desse modo, a autora aponta que o cavalo, como peça do jogo, mantém-se o mesmo, pois lhe é guardada a sua identidade, ou melhor, o valor da peça cavalo não está vinculado à sua materialidade, e sim à posição que ocupa. Com isso, qualquer que seja a peça que o substitua, lhe será atribuído o mesmo valor. De acordo com Normand (2009), as propriedades do símbolo linguístico podem ser resumidas da seguinte forma: arbitrário, relacionando um segmento acústico a uma ideia sem uma conexão natural; social, que só se sustenta pelo consenso geral e sendo parte de um sistema que se define por meio de suas relações com outros elementos, ou seja, fora do jogo, o cavalo é um fragmento de matéria sem sentido, não tem existência semiológica. O mesmo ocorre com um signo linguístico isolado, fora das relações que o constituem como elemento de uma língua, perde sua realidade de signo, isto é, não significa mais nada.

Para demonstrar a diferença que há entre valor e significação na teorização saussuriana, trago as palavras de Normand (2009), a qual ressalta que Saussure explica que é no funcionamento do sistema linguístico, isto é, diante das relações entre as unidades linguísticas que essas têm *valor*, porque ao isolar um signo linguístico, ele perde sua realidade de signo, ou seja, deixa de significar⁸. Sendo assim, a autora chama a atenção para não confundir *valor* com *significação*, pois na verdade o que acontece é uma dualidade relacional entre esses termos, porque ocorre uma relação no interior do signo (significante e significado) e outra entre signos (signos que se rodeiam). Essas relações e as diferenças que existem no funcionamento do sistema linguístico materializam os dois eixos: *associativo* e *sintagmático*.

⁸ Grifos da autora.

Esses dois eixos deixam representadas as possibilidades que o sujeito falante pode escolher e combinar em sua atividade, por meio do mecanismo que ele aciona consciente e inconscientemente. De acordo com a autora, Saussure “ao descrever o funcionamento dos valores, não esgota tudo o que a língua porta em matéria de sentido para os locutores”. (NORMAND, 2009, p.166).

Saussure apresenta no *CLG* uma imagem, a qual explica a diferença entre o valor e a significação:



Figura 3: Sistema

Fonte: SAUSSURE, [1916] 2012, p.164

O teórico da linguagem explica a interpretação que podemos ter da imagem que representa o signo:

[...] quer dizer que em português um conceito “julgar” está unido à imagem acústica julgar, em poucas palavras, simboliza a significação; mas, bem entendido, esse conceito nada tem de inicial, não é senão um valor determinado por suas relações com outros valores semelhantes, e sem eles a significação não existiria. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 164, grifo original).

Considerando isso, compreende-se que a diferença entre o valor e a significação está na explicação: o valor constitui-se dentro do sistema nas relações que as unidades linguísticas estabelecem umas com as outras de forma opositiva, ou seja, um signo é tudo o que outro não é, e isso acontece em todos os sistemas linguísticos. Já a significação é o produto do valor, pois conforme Saussure afirma no *CLG*, sem a determinação do valor, a significação não existe.

Segundo Saussure ([1916] 2012), na língua tudo funciona através de relações. Essas relações e as diferenças entre as unidades linguísticas emergem em duas

ordens distintas, em que cada uma delas é geradora de certa ordem de valores. A oposição entre essas duas ordens faz com que se entenda melhor a natureza de cada uma, porque correspondem a duas maneiras de nossa atividade mental, e as duas são essenciais para a vida da língua.

Em seguida, Ferdinand Saussure aponta que no discurso os termos estabelecem relações entre si, em virtude de seus encadeamentos, um após o outro. São relações baseadas no que já foi mencionado anteriormente como o caráter linear da língua, impossibilitando que dois termos sejam pronunciados simultaneamente. Eles se alinham em sequência na cadeia da fala, essas combinações que se relacionam umas às outras são chamadas de sintagmas. O sintagma é, sempre, a junção de dois ou mais termos consecutivos (por exemplo: re-ler, contra todos; a vida humana; Deus é bom; etc.).

Portanto, em um sintagma, uma unidade só adquire seu valor porque se opõe ao que precede ou ao que a segue, ou a ambos. Para esclarecer o que mencionei anteriormente, destaco um excerto do texto das autoras, Figueiredo e Neumann, as quais explicam que: “Na língua, *como em todo sistema semiológico*, o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o *valor* e a unidade” (SAUSSURE, 2006, p. 140-141, *apud* FIGUEIREDO E NEUMANN, grifo das autoras).

Todavia, exteriores ao discurso, as palavras apresentam algo de comum: associam-se na memória e, desse modo, geram grupos dentro dos quais acontecem relações diversas. O que distingue essas relações das sintagmáticas é que não possuem por base a sua extensão, porque estão localizadas no cérebro, e, devido a isso, serão chamadas de relações associativas.

Conforme afirma Saussure ([1916] 2012), as relações sintagmáticas não se aplicam somente às palavras, mas também aos grupos formados por elas, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras). Dessa forma, somos capazes de considerar que a frase é o tipo por excelência de sintagma, não obstante, ela pertence à fala e não à língua. O autor considera, ainda, que cumpre atribuir à língua, e não à fala, todos os tipos de sintagmas construídos sobre formas regulares. Entretanto, temos que considerar que no domínio do sintagma não existe restrição categórica

entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, dependendo totalmente da liberdade individual. É importante salientar que é tarefa extremamente complexa classificar uma combinação de unidades, pois ambos os fatores foram necessários para constitui-la em proporções impossíveis de determinar.

Já a respeito das relações associativas, essas são formadas por uma associação mental, isso não limita em aproximar os termos que tenham algo em comum, a mente assimila também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria inúmeras séries associativas de acordo com as diferentes relações existentes.

Conforme destaca Figueiredo (2023), na perspectiva de Saussure, que concebe a língua como um sistema, o sentido assume um novo status, não mais vinculado à referência ao mundo real, mas sim estabelecido pela noção de valor linguístico. “O sentido, na teorização saussuriana, adquire tal status sendo dependente, produto da noção de valor, estando a ele intrinsecamente conectado, embora dele se distinga”. (FIGUEIREDO, 2023, p.128).

A autora percebe que considerar as consequências da ausência de distinção entre esses termos é de toda a importância, visto que ela torna clara a importância do valor na teorização saussuriana e, além disso, comprova que a visão de significação/sentido, que aí decorre, em nada se assemelha à visão de língua como nomenclatura. (FIGUEIREDO, 2023, p.128). Ela conclui que a noção de valor está no centro do pensamento saussuriano “por ser um ponto de chegada absolutamente indispensável para a possibilidade de existência da língua como sistema de signos, de modo que, sem ele, a concepção saussuriana de língua ruiria”. (FIGUEIREDO, 2023, p.128).

Sendo assim, pode-se concluir que todos os conceitos citados acima se relacionam com o funcionamento do sistema e que nada pode ser definido e/ou interpretado fora do sistema da língua, porque se isso acontecer perde-se o laço arbitrário que liga significante e significado e, por consequência, não se terá um valor, tampouco sentido nos termos propostos por Saussure.

Em síntese, na teoria saussuriana os termos sentido e significação são sinônimos, esses têm relação com valor. Embora haja um entrelaçamento entre os

termos (valor e sentido/significação), é de suma importância compreender que existe uma diferença entre eles. Segundo Normand (2009), Saussure, além de estabelecer um ponto de vista, leva a repensar o modo tradicional de definição da língua, ao explicar que a língua se trata de um sistema signo. Nessa concepção de língua como sistema, o sentido/significação adquire novo status a partir da noção de valor, ou seja, o sentido/significação torna-se produto do valor.

A reflexão a seguir abordará a da construção do sentido em Émile Benveniste, que tem como base a teorização de Saussure. Conforme citado anteriormente, a teorização benvenistiana não busca repetir ou corrigir as noções apresentadas pelo linguista genebrino, mas avançar a partir dos fundamentos estabelecidos por Saussure.

2.2 - Émile Benveniste: o sentido na linguagem

Nesta seção, proponho-me a refletir acerca do pensamento de Émile Benveniste, a partir da arte de inventar problemas, como está exposto nos títulos de suas obras, *Problemas de linguística Geral I e II*. A maneira de Benveniste teorizar é particular, pois a respeito dos *problemas*, para o linguista, “se trata menos de resolv[ê-los] do que de inventá-los” (DESSONS; NEUMANN; OLIVEIRA, 2020, p. 379). Partindo disso, questiono, na teorização benvenistiana, como se estabelece a problematização em torno do *sentido*? Como se relaciona com os termos *significação* e *significância*?

Para responder a esses questionamentos, busquei auxílio em Rizzo (2019), a qual notou que os termos, na obra de Benveniste, apresentam valores diferentes, *sentido* aparece sendo utilizado com mais frequência para referir ao significado de palavras, de lexema, de morfemas. Já o termo *significação* se relaciona, em geral, às questões em que se destaca o poder de significar da língua, perante o pensamento, a cultura, o homem e/ou a sociedade. O termo *significância* somente é utilizado no texto *Semiologia da língua*, em que há um debate acerca especificamente de sistemas de significação, e uma vez em *O aparelho formal da enunciação*.

Sabendo disso, que os termos na teorização benvenistiana apresentam valores diferentes, e por saber que os estudos apresentados por Benveniste são

calcados na teoria saussuriana, primeiramente, irei percorrer a retomada realizada pelo linguista sírio aos estudos do mestre Saussure e, na sequência, debruçar-me-ei acerca da noção de significância, principalmente, no texto *Semiologia da língua*, pois, de acordo com Rizzo (2019), foi nesse capítulo que o linguista abordou tal noção. Por esse motivo, na próxima subseção, o percurso teórico se dará na retomada feita por Benveniste da teoria saussuriana.

2.2.1 Émile Benveniste: um retorno a Ferdinand Saussure

Nesta seção, almejo ressaltar a retomada em que Émile Benveniste reconstrói os estudos saussurianos. O linguista sírio “retorna a Saussure em uma tentativa de elaborar questões surgidas a partir de sua leitura da obra de Saussure (referimo-nos aqui ao Curso de Linguística Geral).” (STUMPF, 2008, p.1). Na obra *Problema de Linguística Geral I*, no capítulo *Saussure após meio século*, produzido a partir da conferência feita em Genebra para comemorar os cinquenta anos da morte de Ferdinand Saussure, o linguista sírio destaca a importância da teoria saussuriana para estudos linguísticos, inclusive menciona que “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo” (BENVENISTE, [1966] 2012, p. 43). Benveniste declara que um dos primeiros estudos publicados por Saussure ainda permanece como um dos seus títulos de glória, *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, mostrando seu jeito destemido por atacar grandes e difíceis problemas, pois escolheu, dentro de um domínio tão vasto e promissor, um objeto tão árduo.

Benveniste reitera que “Saussure afastava-se da sua época na mesma medida em que se tornava pouco a pouco senhor da sua própria verdade, pois essa verdade o fazia rejeitar tudo o que então se ensinava a respeito da linguagem” (BENVENISTE, [1966] 2012, p.45). Segundo o linguista sírio, o drama vivido pelo linguista genebrino transformaria a linguística, pois Saussure percebeu que estudar uma língua leva inevitavelmente a estudar a linguagem. Benveniste segue e afirma:

Na verdade, não a apreendemos a não ser segundo um certo enfoque, que é preciso inicialmente definir. Deixemos de acreditar que se apreende na língua um objeto simples, que existe por si mesmo, e é susceptível de uma apreensão total. A primeira tarefa consiste em mostrar ao linguista "o que ele faz", a que operações preliminares se entrega inconscientemente quando aborda os dados linguísticos. (BENVENISTE, [1966] 2012, p.50).

De acordo com Benveniste, um dos ensinamentos de Saussure permaneceu de certo modo inerte e improdutivo durante um bom tempo. Trata-se do ensinamento que definia a língua como sistema de signos e a análise de signo sendo a união entre significante e significado, ou seja, um princípio novo de face dupla. Benveniste chama a atenção para o alcance desse princípio instaurado como unidade da língua. Além disso, ele ressalta que, a partir das ideias expressas por Saussure, “a linguística tornou-se numa ciência importante entre as que se ocupam do homem e da sociedade; uma das mais ativas na pesquisa teórica assim como nos seus desenvolvimentos técnicos” (BENVENISTE, [1966] 2012, p.56).

Por fim, o teórico da linguagem enfatiza que Saussure renova a linguística e que “todas as correntes que atravessam, em todas as escolas em que se divide, proclama-se o papel precursor de Saussure” (BENVENISTE, [1966] 2012, p.57). Saussure deixa uma semente de claridade, recolhida por alguns discípulos, a qual tornou-se uma grande luz, que *descortina* uma paisagem cheia da sua presença.

Para o linguista sírio, Saussure lançou ideias de suma importância sobre a faculdade mais alta e mais misteriosa do homem e, concomitantemente, propondo no horizonte da ciência a noção de “signo” como unidade bilateral, fomentando o advento do pensamento formal nas ciências da sociedade e da cultura e a construção de uma semiologia geral. Segundo Benveniste ([1966] 2012), o linguista genebrino cumpriu bem o seu destino, não só em vida como também depois de morto, deixando para os estudos linguísticos suas ideias que brilham. Partindo das “ideias que brilham”, conforme foi mencionado por Benveniste, o linguista sírio desenvolve seus estudos. Desse modo, na próxima subseção, será abordado um tópico que evidencia a retomada de Benveniste a Saussure.

2.2.2 A leitura particular feita por Émile Benveniste acerca do pensamento saussuriano⁹

No capítulo *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, podemos notar que Benveniste fez uma leitura bem particular acerca do pensamento saussuriano, pois em nenhum momento faz referências às dicotomias, como era de costume, pelo contrário, sublinha a constatação de que cada uma das unidades de um sistema tem sua definição através das relações opositivas que mantém com outras unidades. A leitura feita por Benveniste reconhece que Saussure apresentou o princípio fundamental da língua, ou seja, que a língua forma um sistema.

Dessa forma, neste capítulo, o teórico da linguagem procurou fazer um panorama dos estudos linguísticos, passando, rapidamente, pelos estudos da filosofia da linguagem, evolução das formas linguísticas e chegou ao que chamou de “terceira fase”, a qual tem por objeto a realidade intrínseca da língua, visando a se constituir como ciência – formal, rigorosa, sistemática. Benveniste reafirma ainda que as unidades da língua somente são determinadas no interior do sistema que as organiza e as domina, isto é, não têm valor a não ser como elementos de uma estrutura. No entanto, em primeiro lugar, é o sistema que é preciso destacar e descrever.

Benveniste reconhece e ressalta a importância das noções de *valor* e *sistema* presentes no pensamento saussuriano, ainda afirma que a noção positivista de *fato* linguístico teria sido substituída pela de *relação*, desse modo, não se considera mais um elemento em si, tampouco procura-se a sua “causa” num estado mais antigo, pois cada elemento faz parte de um conjunto sincrônico. Essa relação está vinculada aos dois planos de que dependem as unidades da língua, o *sintagmático* e o *paradigmático*.

Sendo assim, a constituição da forma linguística é:

1º uma unidade de globalidade que envolve partes; 2º essas partes apresentam-se num arranjo formal que obedece a certos princípios constantes; 3º o que dá à forma o caráter de uma estrutura é o fato de que as partes constituintes exercem uma função; 4º finalmente essas partes constitutivas são unidades de um certo nível, de modo que cada unidade de

⁹ Refiro-me à leitura que Benveniste fez em que compreende sistema diferente de estrutura, ou seja, sendo uma leitura diferente daquela apresentada pelo movimento estruturalista.

um nível definido se torna subunidade do nível superior. (BENVENISTE, [1966] 2012, p. 33-34).

Benveniste ([1966] 2012) explica que esse caráter descontínuo da língua é o que põe em jogo unidades discretas, fazendo com que a língua se caracterize menos pelo que exprime do que pelo que distingue em todos os níveis. Tal caráter faz com que a língua seja um sistema em que tudo signifique em função do conjunto, e não em si e por vocação natural, isto porque a estrutura conferiria às partes a sua “significação” ou a sua função. Conforme mencionei anteriormente, o teórico da linguagem realizou uma leitura singular, a qual faz uma aproximação entre as palavras “significação” e “função”, na reflexão exposta por Benveniste na segunda parte do texto, em que continua uma discussão de uma linguística que se constrói embasada naquela apresentada na primeira parte.

Na segunda parte do texto, Benveniste inicia destacando que “não é apenas a forma linguística que depende dessa análise; vale considerar paralelamente a função da linguagem” (BENVENISTE, [1966] 2012, p. 36). A palavra “função”, pela reflexão feita, parece abarcar a questão do sentido já explorado anteriormente ao relacioná-la à “significação”. Além disso, o teórico da linguagem, ainda abordando sobre a “função” da linguagem, destaca que é “dentro da, e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (BENVENISTE, [1966] 2012, p. 36).

Tomando a reflexão de que a sociedade não é possível a não ser pela língua¹⁰; e, pela língua, também o indivíduo, o linguista sírio sublinha o poder fundador da linguagem que “instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu” (BENVENISTE, [1966] 2012, p. 27). Dessa forma, na discussão proposta por Benveniste, nesta segunda parte do texto, compreendemos o papel fundamental desempenhado pela língua de criar o pensamento, a sociedade e a cultura. Se tratando dessa relação entre língua e

¹⁰ Em Benveniste o termo língua pode significar ora sistema, como em Saussure, ora língua-discurso. Atentar ainda para o fato de que, em alguns momentos, a língua alterna com a linguagem.

sociedade, na próxima subseção, analisaremos as considerações e discussões realizadas por Benveniste acerca de tal relação.¹¹

2.2.3 Língua e Sociedade

Como mencionado previamente, Benveniste também estabelece uma relação entre língua e sociedade, seguindo a abordagem de Saussure. Assim, esta subseção compartilha o mesmo título da seção que discutiu a teorização saussuriana. Busco compreender como Benveniste desenvolve as questões tratadas por Saussure. Dada a importância dessa relação entre língua e sociedade para a reflexão sobre o sentido na linguagem e a busca pela noção de significância, agora inicio a análise de tal relação.

Em Benveniste, no capítulo *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, a linguagem é o único meio que o homem tem para atingir o outro homem, de transmitir e receber mensagem. Sendo assim, essas duas entidades, língua e sociedade, têm uma relação mútua, porque “a sociedade só se sustenta pelo uso comum de signos de comunicação. A partir deste momento, a linguagem é dada com a sociedade. Assim, cada uma destas duas entidades, linguagem e sociedade, implica a outra”.(BENVENISTE, [1974] 2012, p.93).

Além disso, vale a pena mencionar a seguinte citação, na qual podemos observar a interdependência entre língua e sociedade.

Língua e sociedade são para os homens realidades inconscientes, uma e outra representam a natureza, se assim se pode dizer, meio natural e a expressão natural, coisas que não podem ser concebidas como outras que não são e que não podem ser imaginadas como ausentes. Uma e outra são sempre herdadas, e não se imagina no exercício da língua e na prática da sociedade, neste nível fundamental, que tenha podido existir um começo tanto em uma quanto em outra. Nem uma nem a outra podem ser mudadas pela vontade dos homens. (BENVENISTE, [1974] 2012, p.96).

¹¹ A reflexão, nestes últimos três parágrafos, foi inspirada no texto *A linguagem e a vida: reflexões acerca de língua e literatura*, publicado em 2018, de Daiane Neumann.

Dessa forma, essas duas entidades apresentam características comuns, porém há uma diferença entre elas, somente a língua é capaz de ser estudada e descrita por ela mesma, a sociedade não tem essa mesma capacidade, isto é, somente por meio da língua é que a sociedade é capaz de ser significada. Com isso, a língua torna-se o interpretante da sociedade, porque “é graças a este poder de transmutação da experiência em signos e de redução categorial que a língua pode tomar como objeto qualquer ordem de dados e até a sua própria natureza. Há uma metalinguagem, não há metassociedade”. (BENVENISTE, [1974] 2012, p.100). O linguista segue a discussão e afirma que a língua abrange a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, no entanto, ao mesmo tempo, devido a um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar de semantismo social.

Segundo Benveniste, a língua permite ao falante o exercício da fala e, com isso, assegura o duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso: é a distinção substancial, sempre presente, não importa qual língua, nem qual a sociedade ou época, entre o eu e o não-eu, manuseada por índices especiais que são constantes na língua e que só servem a este uso, as formas denominadas pela gramática de pronomes, que fazem uma dupla oposição, a oposição do "eu" ao "tu" e a oposição do sistema "eu/tu" a "ele".

Dessa forma, o que temos, aqui, é o falante incluindo-se em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação. Benveniste afirma que “a língua, com efeito, é considerada aqui enquanto prática humana, ela revela o particular que os grupos ou classes de homens fazem da língua e as diferenciações que daí resultam no interior da língua comum”. (BENVENISTE, [1974] 2012, p.102)

O linguista também explica que a linguagem, bem antes de servir para comunicar, “serve para *viver*” (BENVENISTE, [1974] 2012, p. 222). Segundo a afirmação do linguista, “[...] se nós colocarmos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar” (BENVENISTE, [1974] 2012, p. 222). Desse modo, o teórico da linguagem coloca no centro de sua teoria a

significação, afirmando que a linguagem antes de servir para comunicar, serve para viver. Sendo assim, a linguagem, para Benveniste, não é um instrumento de comunicação separado da natureza humana, mas intrinsecamente ligada a ela.

Para reforçar a discussão anterior sobre a presença intrínseca da linguagem na natureza humana, é crucial examinar a abordagem do linguista Benveniste em relação à subjetividade na linguagem. Ele desafia a concepção tradicional de linguagem como instrumento de comunicação, destacando sua íntima ligação com a essência do ser humano. Benveniste ([1966] 2012) argumenta que a linguagem está na natureza do homem, e a consciência de si só se torna possível por meio da interação linguística com os outros. A dinâmica relação entre "eu" e "tu" emerge como a base que define tanto a subjetividade quanto a intersubjetividade, superando assim as antinomias entre o indivíduo e a sociedade. Essa perspectiva reforça a noção de que a linguagem não é simplesmente um meio de comunicação, mas uma expressão intrínseca da condição humana, moldando a forma como percebemos a nós mesmos e nos relacionamos com os outros.

De acordo com Benveniste:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e nunca o vemos inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo, e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, [1966] 2012, p. 285).

Nessa afirmação, evidencia-se que, de acordo com Benveniste, a linguagem desempenha um papel constitutivo essencial no que diz respeito ao homem, à sociedade e às interações entre os indivíduos. Esse papel confere à linguagem um caráter fundamental, que é simultaneamente ético e político. Sendo assim, não se pode desvincular o ato de colocar a língua em ação da constituição de uma subjetividade, e mesmo de uma intersubjetividade, e, simultaneamente, da tomada de uma posição, que coloca em ação a linguagem sobre a realidade. Assim sendo, na busca por compreender essa formação do homem por meio da linguagem, a próxima subseção abordará o sujeito na e pela linguagem.

2.2.4 Sujeito na e pela linguagem

Conforme mencionado no desfecho da subseção anterior, nesta, a busca se concentra em compreender a constituição do homem por meio da linguagem. Dessa forma, inicio destacando que Benveniste desenvolve seus estudos acerca da linguagem considerando a subjetividade, ou seja, “[...] a capacidade do locutor para se propor como sujeito” (BENVENISTE [1966] 2012, p. 286). Isso quer dizer que um indivíduo, ao colocar a língua em ação, se define em sociedade. Benveniste, então, faz uma reflexão, no capítulo *Da subjetividade na linguagem*, acerca do papel da linguagem e questiona-se sobre o fato de que talvez esteja sendo confundida com o discurso. Logo, “Se propomos o discurso como a linguagem posta em ação – e necessariamente entre parceiros –, fazemos aparecer sob a confusão uma petição de princípio, uma vez que a natureza desse 'instrumento' se explica pela sua situação como instrumento.” (BENVENISTE, [1966] 2012, p.284).

Desse modo, o teórico da linguagem explica que o papel da linguagem pode, por vezes, se realizar através de meios não linguísticos (gestos e mímica). Nesses casos, ele ressalta a importância de problematizar a condição de ver a linguagem como um instrumento, pelo fato que o instrumento é algo fabricado pelo homem, não está na natureza, já a linguagem está na natureza do homem. Não existem registros do momento em que um homem se encontrou com um homem e, a partir disso, tenham decidido fabricar um meio de comunicação. No entanto, o que temos, conforme menciona o teórico da linguagem, é “um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, [1966] 2012, p. 285). A partir desse contexto, o linguista sírio, aborda a questão da subjetividade do sujeito, salientando que em todas as línguas existe a classe de palavras dos pronomes pessoais, porque é por meio dessas classes que o sujeito se constitui. Além disso, é necessário que haja a relação entre *eu* e *tu* (intersubjetividade), para que se possam constituir as pessoas do discurso.

Segundo Benveniste, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, [1966] 2012, p. 286). Ademais, ele também esclarece como ocorre a articulação entre o *eu* e o *tu*:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica

em reciprocidade – que eu me torne um *tu* na locução daquele que por sua vez se designa por *eu*. Vemos aí um princípio cujas consequências é preciso desenvolver em todas as direções. (BENVENISTE, [1966] 2012, p. 286)

Dessa maneira, a linguagem é necessária para que, de uma só vez, o sujeito constitua o seu lugar na linguagem e na sociedade. Portanto, a semântica atenta para a relação entre língua, cultura e sociedade, considerando a frase, não mais apenas o signo. “A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação” (BENVENISTE, [1974] 2012, p. 230). A respeito do “colocar a língua em ação”, a teoria da enunciação de Benveniste trata não do sujeito que tem existência jurídica e administrativa, mas daquele que não é anterior à linguagem, daquele que dela advém.

É possível entender que esse sujeito somente existe pelo fato de enunciar, emergindo como efeito, na e pela língua, atravessado pela cultura. Desse modo, para Benveniste, a linguagem é a condição para existir o homem, que sempre enuncia e se constitui a partir do outro. O teórico da linguagem destaca que é como fato de linguagem que apresenta os pronomes, os quais não constituem uma classe unitária, porém espécies diferentes, segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Isso significa que Benveniste teoriza sobre categorias que são implícitas em todo ato de linguagem, não se trata apenas de marcas linguísticas.

Benveniste ressalta que uns pertencem à sintaxe da língua e outros são característicos daquilo a que ele chama de as “instâncias do discurso”, ou seja, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor. Logo, esses termos são preenchidos no instante em que a língua é posta em ação e assim também surge a (inter)subjetividade. Tal princípio se define na relação entre *eu* (locutor [aquele que enuncia]), *tu* (interlocutor [aquele que pode enunciar e ao fazer isso torna-se *eu*]) e *ele* (de quem falam o *eu* e o *tu* [não pessoa do discurso]).

Portanto, conforme Benveniste esclarece:

a linguagem reproduz a realidade¹², a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem e aquele que fala faz renascer pelo seu

¹² No original, lê-se “le langage re-produit la réalité”. De acordo com Neumann (2018, p.443), deve-se, portanto, atentar para o fato de que a tradução não só “apaga” o destaque dado ao prefixo “re”, no texto original, como também não opta pelo uso de itálico. Dessa forma, negligencia o valor crítico de tal morfema na obra do linguista. De acordo com Dessons, glosado pela locução “à nouveau”

discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. (BENVENISTE, [1966] 2012, p.26).

Desse modo, de acordo com as autoras Figueiredo e Neumann, toda a constelação teórica, “de termos e conceitos em Benveniste, tais como intersubjetividade, comunicação, frase, discurso, enunciação, significação, tempo, são tomados em sua indissociabilidade com o princípio da subjetividade”. (FIGUEIREDO; NEUMANN, 2023, p.17). Posto isso, destaca-se a relevância desse princípio, pois a subjetividade é inerente à linguagem, sem ela não existiria linguagem. Conforme Benveniste propõe, uma língua sem a expressão de pessoa seria inconcebível.

O teórico da linguagem explica que a linguagem está de tal modo organizada que permite que cada locutor ao se apropriar da língua designe um *eu*, e a cada novo ato de apropriação da linguagem é sempre um novo sujeito que o locutor cria. Portanto, a linguagem é a possibilidade da subjetividade, devido ao fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, em virtude de consistir de instâncias discretas. A linguagem de alguma forma propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*. A instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito e as quais apenas designamos sumariamente as mais aparentes.

Segundo Benveniste ([1974] 2012), a instância de discurso também constitui o tempo e o espaço, pois, no momento em que o locutor se torna *eu* (colocando a linguagem em ação), automaticamente determina o tempo *agora*. Sendo assim, o tempo linguístico sempre é o presente, e isso também acontece com o espaço que é sempre designado *aqui*. Em síntese, de tudo que discuti até o presente momento, posso destacar que para o teórico da linguagem, através da subjetividade, cada enunciado deve ser concebido como único, singular e irrepetível. Em vista disso,

(novamente), o prefixo “re” passa a portar dois valores, de iteração e de invenção. Proponho que se traduza tal passagem da seguinte maneira: *re-produz* a realidade (BENVENISTE, 2005, p. 26 *apud* DESSONS, 2006, p.99).

podemos conjecturar que a linguagem constrói o homem e a sociedade. É perceptível que Benveniste continua a reflexão da relação entre língua e sociedade feita por Saussure, destacando que é na e pela língua que a sociedade, a cultura e o homem constituem-se.

Desse modo, considerando o foco deste trabalho, a noção de significância, é importante entender, além da relação entre língua e sociedade, como constrói o sentido em Benveniste. Sendo assim, debruço-me no capítulo *A forma e o sentido na linguagem* ([1974] 2012). Nele, Benveniste destaca que esses dois termos (forma e sentido) são intimamente ligados, mas que ao analisarmos somente as formas, percebemos que é o sentido que dá a razão de suas diferenças e até de suas anomalias. Nesse texto, o linguista sírio declara que irá além de Saussure, porém conforme já foi mencionado, esse “ir além” trata-se do recorte metodológico, assim, o teórico da linguagem não se opõe à semiologia de Saussure, porém, o recorte feito pelo linguista sírio relaciona-se à semântica do discurso.

Sendo assim, discutir sobre discurso é compreender que ao mesmo tempo em que se tem a língua como sistema, ela também pode ser observada enquanto discurso, pois é através dele que a língua se manifesta e é no interior do discurso que a língua funciona e ganha sentido. De acordo com Claudine Normand (2009), Benveniste faz parte da linguística contemporânea e é uma referência para a análise do discurso consagrada como semântica.

Com base na proposta benvenistiana, os estudos acerca da língua passam a ser pensados no domínio do discurso, observando questões de subjetividade na enunciação. É importante ressaltar que a língua sendo tomada como sistema de signos apresenta os fundamentos semióticos. E a partir da frase como unidade do discurso, tem-se os fundamentos da semântica. Então, Benveniste estabelece novos conceitos e definições para o estudo do semântico. De acordo com as autoras Figueiredo e Neumann (2023), o linguista “chega ao que chama de *semiologia de segunda geração*, a qual será possível via análise intralinguística que abre espaço para a significância do discurso, bem como via análise translinguística dos textos, a

qual envolverá uma metassemântica sobre a semântica da enunciação, implicando, pois, uma culturologia¹³.

2.2.5 Semiótico e semântico

Nesta subseção, abordarei os domínios semiótico e semântico no pensamento de Benveniste, uma vez que ao explorar a noção de significância em seu texto *Semiologia da língua*, o linguista reflete sobre significância desses domínios. Inicialmente, o teórico da linguagem retoma a semiologia saussuriana, examinando as relações entre o sistema da língua e outros sistemas semiológicos. Benveniste, ao considerar essa relação, destaca a importância de investigar o lugar da língua entre os sistemas de signos. Ele introduz o conceito de "dupla significância", indicando que a língua possui duas formas de ser língua: uma associada ao domínio semiótico, apresentado por Saussure, e outra relacionada ao domínio semântico. O linguista sírio, baseando-se nos estudos de Saussure, enfatiza que "o semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO" (BENVENISTE, [1974] 2012, p. 66).

O linguista explica que a noção semântica da língua se define através da atividade de empregar a língua e colocá-la em ação, ou seja, trata-se do discurso. Benveniste parte da definição, apresentada por Saussure, de que a língua é um sistema de signos linguísticos, alertando que os signos não podem pertencer a um sistema único, mas devem constituir inúmeros sistemas de signos.

Com isso, é evidente a importância dos estudos saussurianos para Benveniste, inclusive, o linguista frisa no texto *Semiologia da língua* que Saussure é aquele que pode lhe auxiliar, já que procede da língua e a toma como objeto exclusivo. Assim, a língua é tomada por ela mesma, com isso, tornando possível a linguística, pois se

¹³ Quanto a esse ponto, as autoras Figueiredo e Neumann seguem a interpretação de Chloé Laplantine: "Essa metassemântica (semântica de uma semântica) < que se construirá sobre a semântica da enunciação > é, para mim, ao mesmo tempo, a descoberta de semânticas particulares, como por exemplo a semântica de Baudelaire (isto é < a língua de Baudelaire >), o que implica uma culturologia [...]" (cf. LAPLANTINE, 2008, p. 158 *apud* FIGUEIREDO e NEUMANN, 2023, p. 3 *tradução das autoras*).

descobre seu objeto de estudo. A língua é separada metodologicamente da linguagem, o que permite que se a tome como princípio de unidade e que se encontre o seu lugar entre os fatos humanos, a semiologia. A língua estaria no domínio da semiologia, juntamente com sistemas homólogos a ela, que teriam o caráter de serem sistemas de signos: “a língua seria ‘apenas o mais importante destes sistemas’”(BENVENISTE, [1974] 2012, p. 49).

Benveniste ([1974] 2012) relaciona diferentes sistemas de signos e explica que há um caráter comum a todos esses, pois estão ligados à semiologia, portanto, tem por critério significar ou a “SIGNIFICÂNCIA”, tal como sua composição em unidades de significância, ou signos. O linguista também recupera a noção de *valor*, ao afirmar, a propósito de que não há signo transsistemático, que “o valor de um signo se define somente no sistema que o integra” (BENVENISTE [1974] 2012, p.54). Verifica-se que há “uma aproximação entre a noção proposta por ele de *significância* e a noção de *valor* proposta por Saussure”. (NEUMANN, 2020, p. 398).

A língua “nos fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento” (BENVENISTE, [1974] 2012, p. 63). Somente a língua “pode conferir – e confere efetivamente – a outros conjuntos a qualidade de sistemas significantes informando-os da relação de signo” (BENVENISTE, [1974] 2012, p. 64).

Para Benveniste, a língua significa de forma peculiar, ou seja, significa nela e por ela, e não pode ser reproduzida por nenhum outro sistema. A língua, então, combinaria dois modos distintos de significância, o modo semiótico e o modo semântico. No modo semiótico, “cada signo é chamado a afirmar sempre e com a maior clareza sua própria significância no seio de uma constelação ou em meio a um conjunto dos signos” (BENVENISTE, [1974] 2012, p. 65).

Em contrapartida, o modo específico de significância do semântico seria engendrado pelo discurso, que “não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente”, porque “não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o ‘intencionado’), concebido globalmente que se realiza e se divide em ‘signos’ particulares, que são as PALAVRAS” (BENVENISTE, [1974] 2012, p. 65).

Segundo Dessoins (2006), ao passar do semiótico ao semântico abre-se a concepção de idioma à dimensão do empírico. Enquanto o nível semiótico deve ser reconhecido como tendo ou não significado, o nível semântico é o “significado”, logo deve ser compreendido. Portanto, o semântico é a abertura para o mundo, já o semiótico é o significado fechado em si mesmo. Passando do prisma semiótico ao semântico da vida, mudamos nossa lógica.

Dessoins (2006) ressalta que, enquanto o semiótico é, em princípio, independente de qualquer referência, o semântico encarrega-se, necessariamente, do conjunto de referentes da fala, se identificando com o mundo da enunciação e com o universo do discurso. Isto é, o signo em si não precisa estar em uma relação com o mundo para significar; basta que seja um signo, elemento de um sistema.

Em contrapartida, Dessoins aponta que

não é uma adição de signos que produz sentido é, ao contrário, o sentido (o “intentado”), concebido globalmente, que se realiza e se divide em signos particulares, que são as palavras”. Vamos considerar por enquanto que o plano semântico da significação linguística não se confunde com a soma dos significados contidos num discurso¹⁴. (DESSONS, 2006, p. 95, *tradução minha*).

Dessa forma, entende-se que Benveniste ([1974] 2012) distingue o "mundo semiótico" e o "mundo semântico" ao destacar que o primeiro é fechado e parte do sistema, enquanto o segundo é instável, irrepetível e sempre específico a cada discurso. Segundo Benveniste ([1974] 2012) e conforme Dessoins ressalta na citação anterior, a atribuição de sentido às partes ocorre na globalidade do discurso. Ou seja, o sentido de um enunciado é dado pela interação de suas partes dentro de um sistema, e esse sentido é único, pois o tempo, espaço, sujeitos e relações entre elementos discursivos (sintagmáticas e associativas) variam a cada instância, tornando cada discurso distinto e único.

¹⁴ « Ce n'est pas une addition de signes qui produit le sens, c'est au contraire le sens (l'“intenté”), conçu globalement, qui se réalise et se divise en ‘signes’ particuliers, qui sont les mots ». On retiendra pour l'instant que le plan sémantique de la signification linguistique ne se confond pas avec la somme des signifiés contenus dans un discours. (Dessoins, 2006, p. 95)

Desse modo, Benveniste reflete acerca do duplo caráter da língua, o qual é definido através da noção da significância, ou seja, é a capacidade de significar tanto no modo semiótico quanto no semântico. Benveniste, portanto, retoma a teorização saussuriana - modo semiótico - e a partir de tal estudo desenvolve a sua teorização que aborda o modo semântico. O linguista sírio explica que o domínio semântico apresenta um modo específico de significância que é engendrado pelo discurso. Sendo assim, o teórico da linguagem destaca que a significância do discurso é produzida globalmente.

Dessa forma, por meio da distinção entre os modos semiótico e semântico, em Benveniste, chegamos à noção de significância na linguagem. A significância, entendida como a capacidade de significar, é explorada nos domínios semiótico e semântico de maneiras distintas, refletindo a complexidade da linguagem. No modo semiótico, a ênfase recai sobre a clareza na afirmação da significância de cada signo dentro do sistema que o integra. Por outro lado, no modo semântico, a significância é engendrada pelo discurso, que não se reduz a uma simples sucessão de unidades isoladas, mas é concebido globalmente. Dessa forma, a significância, para Benveniste, é intrinsecamente entrelaçada com a dualidade desses modos, contribuindo para a compreensão abrangente da linguagem como um fenômeno dinâmico e multifacetado.

Com base no que foi discutido, torna-se evidente que Benveniste não apenas revisita o modo semiótico proposto por Saussure, mas também recupera noções de sistema e valor ao elucidar a noção de significância. Nesse contexto, o próximo capítulo conduzirá uma análise mais aprofundada da noção de significância, tanto no texto *Semiologia da língua* quanto na poética de Meschonnic, culminando na análise das letras das canções de Elza Soares.

3 Émile Benveniste e Henri Meschonnic: a significância - uma semântica específica

Neste capítulo, debruçar-me-ei acerca da noção de SIGNIFICÂNCIA, partirei da constelação teórica benvenistiana, chegando à teoria de Meschonnic. Desse modo, tomo o texto *Semiologia da língua*, no qual Benveniste inicia sua discussão explicando a diferença entre os dois “gênios antitéticos” (BENVENISTE, [1974] 2012, p. 43), Peirce e Saussure. O linguista sírio esclarece que a diferença entre eles está no ponto central de suas teorias, pois para Peirce o centro de sua reflexão é o signo. Já para Benveniste, calcado na teoria saussuriana, a noção central é a de sistema, porque “todo signo [é] tomado e compreendido em um SISTEMA de signos” (BENVENISTE, [1974] 2012, p.45). Partindo desse entendimento, o linguista sírio salienta, “esta é a condição da SIGNIFICÂNCIA” (BENVENISTE, [1974] 2012, p. 45). Na continuação, ressalta que todos os signos não podem pertencer a um sistema único, logo, devem se constituir inúmeros sistemas de signos.

Segundo Benveniste, a ligação que há entre a linguística e a semiologia seria o princípio de que o signo linguístico é arbitrário. Portanto, o objeto principal da semiologia seria “o conjunto dos sistemas fundados sobre o arbitrário do signo ” (BENVENISTE, [1974] 2012, p.50 *apud* C.L.G., p. 100). O teórico da linguagem nota que “não menos que os sistemas de signos, as RELAÇÕES entre estes sistemas constituirão o objeto da semiologia” ([1974] 2012, p. 51). Desse modo, ele percebe que o caráter comum a todos os sistemas de signos e o critério que os liga à semiologia é a propriedade de significar, ou seja, a SIGNIFICÂNCIA, assim como sua composição em unidades de significância, ou signos.

Benveniste explica que não há signo transsistemático, que “o valor de um signo se define somente no sistema que o integra” (BENVENISTE, [1974] 2012, p.54). O linguista sírio faz uma reflexão acerca de outros sistemas de significação que não a língua, concluindo que há sistemas cuja significância é posta pelo autor na obra e há sistemas cuja significância é expressa pelos elementos em estado isolado, independentemente das relações que possam estabelecer. No que se refere à arte, os termos são ilimitados em número, imprevisíveis por natureza e, portanto, reinventados em cada obra; por outro lado, “a significância da língua [...] é a

significância mesma, fundando a possibilidade de toda troca e de toda comunicação, e também de toda cultura” (BENVENISTE, [1974] 2012, p. 60).

De acordo com Benveniste ([1974] 2012), a língua difere dos outros sistemas por ser o único modelo semiótico que nos fornece na sua estrutura formal, simultaneamente, o seu funcionamento, somente a língua “pode conferir – e confere efetivamente – a outros conjuntos a qualidade de sistemas significantes informando-os da relação de signo” (BENVENISTE, [1974] 2012, p. 64). A língua tem a capacidade de significar nela e por ela mesma, isso porque a língua combina dois modos distintos de significar, o semiótico e o semântico (DUPLA SIGNIFICÂNCIA). Marlene Teixeira e Rosângela Messa (2015) destacam que “o semiótico abriga formas cujo significado é distintivo. O semântico é o lugar em que essas formas adquirem sentido singular, em função do ato de enunciação em que são proferidas”. (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p.99).

As autoras, ao afirmarem que no semântico as formas adquirem SENTIDO SINGULAR, tocam o poder fundador da linguagem, pois, de acordo com a teorização benvenistiana, trata-se da renovação que acontece no ato enunciativo, embora possa ser proferido várias vezes “bom dia”, será sempre uma nova enunciação. Além disso, elas destacam que o texto “Émile Benveniste: qual semântica?”, de Claudine Normand (2009, p.153-171), acentua também a noção de significação em Benveniste como resultado da articulação simultânea da significância dos signos (ordem semiótica) e da significância da enunciação (ordem semântica)”. (TEIXEIRA E MESSA, 2015, p.99).

Sendo assim, este capítulo terá como eixo norteador a discussão acerca da significância, a semântica específica, com enfoque na metasemântica que se constrói sobre a semântica da enunciação, é a descoberta de semânticas particulares, como a língua de Baudelaire, que se refere à linguagem poética. Com isso, o teórico da linguagem apontou que havia algo para ser descoberto a respeito da língua que está presente em texto e obras, podendo ser percebido já nos *PLG I* e *II*, ficando ainda mais evidente a sua relação com a literatura nas notas manuscritas do dossiê de Baudelaire. O objeto, então, é demonstrar a relação de Benveniste com a literatura, e com isso analisar o vínculo que essa relação pode ter com a noção de significância. Dessa forma, o capítulo está dividido em subseções, abordando, nesta ordem, *Émile*

Benveniste e a semiologia de segunda geração, seguida por *As notas manuscritas de Émile Benveniste*, culminando no *Encontro das poéticas de Benveniste e Meschonnic*, e, por fim, a discussão se concentrará da *A poética de Henri Meschonnic*.

3.1 Émile Benveniste e a semiologia de segunda geração

As autoras Teixeira e Messa (2015) explicam que é a partir da visão antropológica, que a semântica da enunciação benvenistiana inclui, mutuamente, a relação entre linguagem, homem, cultura e sociedade. Com isso, justificam que Benveniste tenha planejado sob suas bases o projeto da metassemântica, ou seja, a semiologia de segunda geração, designada para fundamentar a análise translinguística de textos e obras. Conforme Teixeira e Messa destacam (2015), a “semiologia de segunda geração” não está edificada na noção de signo de Saussure, mas sobre a semântica da enunciação. Ao observar esse projeto de Benveniste (semiologia de segunda geração), percebe-se que o pensamento do teórico da linguagem acerca do sentido não se esgota na semântica da enunciação, mas está voltado para uma metassemântica.

Conforme destaca Vier (2016), em 1992, os manuscritos de Émile Benveniste sobre a linguagem poética, conhecidos como Dossiê Baudelaire, foram anunciados. Esses documentos estiveram na Biblioteca Nacional da França até 2004 e foram tornados públicos em 2008 por meio da tese de Chloé Laplantine e em 2011 através da editora Lambert-Lucas. De acordo com o estudo realizado por Vier (2016) nos *PLG's I e II*, Benveniste já apontava sua relação com a literatura, inclusive, ela destaca que em seu último texto em *PLG II, O aparelho formal da enunciação*, de 1970, Benveniste indicou como estudar a enunciação em diferentes aspectos, incluindo a realização vocal da língua, a conversão individual da língua em discurso e o quadro formal de sua realização. Ela afirma que o linguista enfatizou a importância de considerar o ato de realização, as situações em que ocorre e os instrumentos utilizados. Benveniste também destacou a distinção entre enunciação falada e escrita, levantando a possibilidade de aplicar esses conceitos à análise do poema.

A pesquisadora também explica que o linguista argumentou que a linguagem poética não deve ser considerada oposta à linguagem ordinária, pois o estudo da linguagem ordinária pode contribuir para a compreensão da linguagem poética. Segundo Vier (2016), Benveniste postula que os elementos relacionados ao interlocutor na linguagem ordinária, como a forma sonora que atinge o interlocutor, sua identificação como alocutário e a co-referenciação no discurso, podem ser relevantes para a análise da linguagem poética. Portanto, Benveniste abriu perspectivas para uma abordagem mais ampla das formas complexas do discurso, que inclui tanto a linguagem ordinária quanto a linguagem poética.

Vier (2016) salienta que o teórico da linguagem em seu texto, *Semiologia da língua*, explora a relação entre a semiologia da língua e a semiologia da arte. Ele analisa sistemas de signos, incluindo os das artes como música e imagens, discutindo unidades e modos de funcionamento. A autora afirma que Benveniste destaca a importância de compreender a unidade em estudos da linguagem. Acrescenta que ele também menciona a linguagem poética e o poeta ao discutir as correspondências poéticas entre sistemas semióticos diferentes, com foco em Baudelaire.

Desse modo, Benveniste sempre teve uma relação com a literatura que se tornou evidente nas notas manuscritas sobre a “língua de Baudelaire”, organizado por Chloé Laplantine. Partindo da obra *Baudelaire* (BENVENISTE, 2011), pode-se observar que, para o linguista sírio, a linguagem poética não é indissociável de sua teoria da linguagem, a qual tem como centro a significação.

Para enfatizar o que mencionei anteriormente a respeito da metassemântica exposta por Benveniste no texto *Semiologia da língua*, destaco a abordagem de Figueiredo e Neumann, as quais apresentam a visão de Chloé Laplantine, a metassemântica (semântica de uma semântica) que se desenvolve a partir da semântica da enunciação, representa a revelação de semânticas peculiares, como por exemplo a semântica de Baudelaire (a língua de Baudelaire), implicando assim uma culturologia. Ou seja, para Benveniste, a metassemântica é atravessada pela cultura (culturologia), atribuindo à linguística (a semântica da enunciação) um papel central, não por ser superior, mas por tomar a língua como fundamento de toda a relação.

Sendo assim, a metassemântica, apresentada por Benveniste, trata-se de uma semântica que se constrói sobre uma outra semântica, a da enunciação. Segundo Teixeira e Messa, o projeto da metassemântica do teórico da linguagem,

alarga o escopo de sua teoria para além da linguística, na direção de uma 'grande antropologia', isto é, de uma 'ciência geral do homem', fundada no princípio de que o sentido está no discurso, resultando do ato de apropriação da língua pelo locutor, no seio de uma sociedade e de uma cultura, de onde emerge, como efeito, o sujeito da enunciação. (TEIXEIRA E MESSA, 2015, p.111).

Teixeira e Messa (2015) explicam que Laplantine (2011, p. 146-147) compreende que, em Benveniste, a passagem do intralinguístico ao translinguístico não se trata da passagem do microscópico ao macroscópico, do merisma à globalidade de textos. O importante é o olhar lançado à linguagem. Segundo Laplantine, esse olhar que Benveniste lança à linguagem é o efeito da tomada crítica do significado para além da unidade do signo e da comunicação de mensagens.

Por fim, para Benveniste, a metassemântica pode ser compreendida como a linguagem poética presente nos textos e obras. A enunciação produzida pelo poeta na obra evoca uma semântica, a metassemântica. Dessa forma, a maneira como se mobiliza a linguagem em cada obra é particular de cada poeta, eis a definição da linguagem poética. Portanto, nesta subseção, explorei brevemente a perspectiva de Benveniste sobre a linguagem poética ao discutir a metassemântica. No entanto, busco aprofundar a compreensão dessa relação entre Benveniste e a linguagem poética e, principalmente, entender melhor a questão acerca do mundo interior do poeta e como isso poderia auxiliar a pensar sobre o ponto central deste trabalho, a noção de significância. Por esse motivo, a próxima subseção abordará a discussão das notas manuscritas do dossiê Baudelaire, pois os manuscritos apresentam com mais evidência essa relação.

3.1.1 As notas manuscritas de Émile Benveniste

Conforme mencionado anteriormente, nesta subseção, a abordagem será sobre a relação de Benveniste com a literatura, linguagem poética e, principalmente, compreender a significância em textos e obras.

A publicação do Dossiê Baudelaire em 2011 estimulou novas pesquisas sobre a relação de Benveniste com a literatura, impulsionadas por trabalhos que se basearam na poética de Meschonnic na França e pesquisas na UNISINOS, orientadas por Marlene Teixeira no Brasil. Chloé Laplantine organizou manuscritos que resultaram em sua tese "Émile Benveniste: Poétique de la Théorie," levando a mais pesquisas na França e no Brasil. Essas pesquisas destacam a importância da reflexão de Benveniste para a compreensão da literatura, especialmente da poesia.¹⁵

Vier (2016) esclarece a relação de Benveniste com a literatura, tanto nos *Problemas de Linguística Geral I e II*, quanto via as notas manuscritas. A autora revela que Benveniste estava interessado em explorar a linguagem poética como algo que vai além da estrutura linguística e que desafia a teoria da linguagem da época. A pesquisadora também cita Adam para esclarecer que Benveniste parece evidenciar que uma pesquisa que tenha como *corpus* um texto literário não pode ser uma simples aplicação da linguística, mas "[...] um questionamento linguístico do discurso poético e de uma obra particular que, em retorno, questiona igualmente as categorias de análise linguística" (VIER, 2016, p. 54 *apud* ADAM, 2012, p. 51).

Outrossim, ela explica que "a linguagem poética interessa imensamente a Benveniste porque traz as bases para uma linguística nova, uma poética do pensar" (VIER, 2016, p. 57). A autora salienta que o linguista sugere que o estudo da linguagem poética deve ser centrado não apenas no signo linguístico, mas na língua como um todo. Benveniste sugere que a experiência humana é central na obra literária.

Vier (2016) propõe que a escrita de Benveniste não fornece respostas definitivas, mas que inspira estudos de obras literárias que partam da linguística e

¹⁵ Esse parágrafo foi inspirado na tese de Sabrina Vier (2016).

encontrem a linguagem e a experiência humana. Ademais sugere que vários estudos podem ser realizados a partir dos manuscritos de Benveniste.

Neumann (2020) ressalta que Benveniste (2011), em suas notas manuscritas em vários momentos, insiste sobre o fato de que “o referido <em poesia> não é o mundo das / coisas, é o mundo interior do poeta, ou [...] é / o mundo das coisas refratadas na consciência do poeta, <quer / dizer uma experiência>” ¹⁶(p. 130). Na sequência, ela disserta sobre a análise que Benveniste faz acerca da “língua de Baudelaire”, pois de acordo com a observação feita pelo linguista, “Baudelaire é o poeta da interioridade do ser, da verdade profunda dos sofrimentos do homem na natureza”. Esse estilo descreve “as aspirações, os / delírios, as lembranças no / estilo que convém à exte/ rioridade” ¹⁷(p. 418).

A autora enfatiza que esse “mundo interior do poeta”, a que se refere Benveniste (2011), começa a ser um “mundo/ segundo”, um “mundo da/ sensibilidade tomado nele mesmo”, o “mundo do sonho e da nostalgia¹⁸” (BENVENISTE, 2011, p. 418 *apud* NEUMANN, 2020, p. 5). Ademais, ela explica que a descrição, em Baudelaire, de acordo com a observação de Benveniste, vem “do sonho, tem cores oníricas”¹⁹ (NEUMANN, 2020, p. 5 *apud* BENVENISTE, 2011, p.418). Na sequência, a autora frisa sobre a importância de observarmos o quanto essa discussão sobre a poesia de Baudelaire aproxima Benveniste da linguagem poética, pois nessa estaria em jogo o mundo interior do poeta, o que significa também o delírio, o sonho, como o vemos teorizando no *PGL I*. Neumann menciona sobre a nota de que Benveniste (2011, p. 426) lança mão e que auxilia também a compreensão dessa questão, “Ver no Salão de 1859 (Clube do livro II p. 143) a página onde Baudelaire elogia Delacroix / por ter ‘o infinito no finito’ ... o sonho... a visão produzida pela intensa / meditação...

¹⁶ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “Le référé n’est pas le monde des / choses, c’est le monde intérieur du poète, ou [...] c’est / le monde des choses réfracté dans la conscience du poète, < c’est à /dire une *expérience*>”

¹⁷ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “les aspirations, les / délires, les souvenirs dans le / style qui convient à l’exté-/ riorité”.

¹⁸ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “monde / second” , “monde de la / sensibilité pris en lui-même”, “monde du rêve et de la nostalgie”

¹⁹ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “du rêve, a des couleurs oniriques”.

E. D. pinta sobretudo a alma ... [...] Jamais esquece ‘a rainha / das faculdades’, a imaginação”.²⁰

Desse modo, a reflexão de Benveniste em suas notas manuscritas está em consonância com o que o linguista apresentou no texto *Semiologia da língua*, pois nessa obra o teórico da linguagem abarca a discussão sobre o sistema de significância da arte e explica sobre a poesia ser construída a partir do mundo interior do poeta, podendo alcançar seus sonhos, devaneios e suas aspirações. Neumann (2020) ressalta as observações de Meschonnic (2008) e Dessons (1997), os quais destacam que Benveniste inicia uma discussão que será importante para pensar a arte e a linguagem poética, pois o linguista sírio ao considerar a língua, o único sistema capaz de unir o semiótico e o semântico, se difere dos demais sistemas, inclusive das artes, pelo fato de nelas haver somente o semântico.

Segundo Neumann (2020), Meschonnic atesta que no texto *Semiologia da língua*, Benveniste faz uma distinção entre signo e unidade, isto é, um signo é uma unidade, porém uma unidade pode não ser um signo, visto que as obras de arte são unidades produtoras de sentido (semântico), no entanto, não teriam um valor dado previamente. Conforme menciona Neumann (2020), Meschonnic e Dessons salientam que, a partir desse texto de Benveniste, foi lançada uma nova metodologia de trabalho, a qual pode ser observada na citação a seguir:

Enquanto, nos estudos da linguagem, geralmente se partiu de análises em que se consideravam unidades carregadas de sentido, que poderia ser alterado, segundo as novas relações estabelecidas no discurso, os estudos de outros sistemas, aqueles de expressão artística, apontavam, em Benveniste (2006), para que se considerasse a obra como um todo que atribuiria relação às partes. Pode-se, dessa forma, dizer que se trata de uma consideração da obra, a partir do que foi denominado “semântico sem semiótico”, em que a obra cria seu próprio semiótico. (NEUMANN, 2020, p.153)

Assim, podemos perceber que, ao contrário dos estudos da linguagem, que geralmente se concentravam em unidades de sentido suscetíveis de modificação conforme novas relações no discurso, as pesquisas relacionadas à expressão

²⁰ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “Voir dans le Salon de 1859 (Club du livre II p. 143) la page où Baudelaire loue Delacroix / d’avoir ‘l’infini dans le fini’, ... le rêve... la vision produite par une intense / méditation.... E. D. peint surtout l’âme... [...] Ne jamais oublier ‘la reine / des facultés’, l’imagination”.

artística, conforme destacada Neumann a partir dos escritos de Benveniste (2006), priorizavam a visão da obra como um todo que confere significado às suas partes. Essa abordagem implica que a obra gera seu próprio semiótico a partir do semântico, o que é denominado "semântico sem semiótico".

Desse modo, conforme foi revelado, no texto *Semiologia da língua*, o texto discute as ideias de Benveniste e sua influência no campo da linguagem e poesia. O teórico da linguagem aborda a relação entre linguagem e arte, argumentando que a língua é única ao unir o domínio semiótico e o semântico. Isso contrasta com as formas de expressão artística que tendem a se concentrar somente no semântico.

De acordo com Neumann (2020), quando Benveniste faz as análises nos poemas de Baudelaire, ele percebe algo que chama a sua atenção: “a linguagem icônica não rompe com o sistema geral / da língua, ela não emprega elementos fônicos nem *signi/fiques* que sejam estrangeiros à língua, e Baudelaire / conserva uma sintaxe que é no conjunto aquela / da língua comum”²¹ (p. 34, *grifos da autora*). Entretanto, observa-se que esse sistema tem uma organização própria, isto é, “um sistema próprio”, “agenciado segundo suas / próprias categorias e funções” (p. 48), tornando essa linguagem uma “linguagem especial”, que não é mais a “linguagem ordinária embora formada das mesmas unidades” (p.48)²².

Segundo Vier, “Dessons defende que o poema constrói seu próprio léxico, pois as palavras, ao serem associadas pela rima, apresentam outros e novos sentidos, evocados pelo som”. (VIER, 2016, p. 55). A autora também esclarece que Benveniste demonstra interesse em compreender como, do ponto de vista linguístico, o discurso poético pode ser determinado por uma relação semiótico-semântica, produzida em torno da subjetividade do autor. Em consonância, Neumann (2020) sublinha que ao seguir analisando e refletindo, Benveniste explica que “O poeta combina e / <distribui> sua matéria como o / músico seus sons e o / pintor suas cores mas / diferentemente

²¹ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “Le langage iconique ne rompt pas avec le système général / de la langue, il n’emploie pas d’éléments phoniques ni signi-/fiques qui soient étrangers à la langue, et Baudelaire / conserve une syntaxe qui est dans l’ensemble celle de / la langue commune”.

²² Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “un système propre”; “agencé selon ses / propres catégories et fonctions”; “langage spécial”; “le langage ordinaire quoique formé des mêmes unités”.

do pintor / e do músico que / empregam os materiais, / o poeta emprega as / palavras, que significam. / A poesia é portanto / algo contraditório : / uma arte de signi- / ficações.”²³

A autora ainda esclarece que o linguista sírio, ao finalizar sua reflexão, conclui que “seria bastante natural que a língua / poética tivesse sua semântica própria”²⁴. Ela também menciona que o dossiê apresenta em outro momento uma passagem que evoca a discussão tratada no texto *Semiologia da língua*. No entanto, agora, o teórico da linguagem procura explicar a língua, usando de características que observou no sistema da música:

[...] As cores, a matéria, os sons são os materiais / de artistas pintores, escultores, músicos.

E o poeta? O poeta combina as palavras. As palavras / são o material sobre o qual ele trabalha. É por conseguinte / evidente que, tornadas material do poeta, as palavras não / podem mais ser “signos” do uso comum. / Cada poeta utiliza à sua maneira esse material. / Não há dois que tirem delas o mesmo partido.

Mas o pintor, com o auxílio de suas cores, faz um / quadro; o escultor, com sua matéria, faz uma / escultura; o músico, com os sons, faz uma / composição musical.

E o poeta? O poeta, com suas palavras, faz / um “poema”, uma criação que explora as palavras / para certos fins. ~~estéticos~~.²⁵ (BENVENISTE, 2011, p. 652 *apud* NEUMANN, 2020, p. 155).

²³Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “Le poète combine et / <distribue> sa matière comme le / musicien ses sons et le / peintre ses couleurs mais / à la différence du peintre / et du musicien qui / emploient des matières, / le poète emploie des / mots, qui signifient. / La poésie est donc / qqchose de contradictoire : / un art de signi-/fications.”

²⁴Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “il serait assez naturel que la langue / poétique eût sa sémantique propre”.

²⁵ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “[...] Les couleurs, la matière, les sons sont des matériaux / des artistes peintre, sculpteur, musicien. Et le poète? Le poète combine des mots. Les mots / sont le matériau sur lequel il travaille. Il est dès lors / évident que, devenus matériau du poète, les mots ne / peuvent plus être les “signes” de l’usage commun. / Chaque poète utilise à sa manière ce matériau. Il / n’y en a pas deux qui en tirent le même parti. Mais le peintre, à l’aide de ses couleurs, fait un / tableau ; le sculpteur, avec sa matière, fait une / sculpture ; le musicien, avec les sons, fait une /

Na sequência, Neumann chama atenção para o poema ser concebido com a arte da linguagem, o qual precisa ser explicado via movimentos e reflexões que o linguista sírio, no texto *Semiologia da língua*, discutiu sobre o sistema da arte e da música. Benveniste, também, pondera o fato dos “signos” não serem mais de uso comum. Essa compreensão constitui-se a partir da consideração de que não haveria dois poetas que tirassem de uma mesma palavra dois usos comuns.

Conforme apontado pela autora, Benveniste suscita que, seja através da associação entre poema e arte ou por meio da nota que apresenta a palavra “estético” rasurada, evoca que a forma como o poeta organiza a língua nos textos e obras não apenas constrói seu próprio mundo, mas também significa o mundo ao seu redor. Isso implica que a criação poética vai além do aspecto meramente estético²⁶, pois busca provocar uma redefinição da maneira como a poesia é concebida, buscando, assim, inovar na utilização das palavras.

Debruçando-se sobre o literário, sem desconsiderar as especificidades da literatura, esse linguista, numa atitude daquele que busca deixar-se interrogar pela «terra incognitae» (terras desconhecidas), acaba por observar, de forma bastante instigante, que “a língua poética é sempre aquela de um poeta, e ela é / reinventada por ele em cada um de seus poemas”.(p. 42); “A / poesia, é a poesia / mais um certo poeta. / porque cada poeta tem / sua língua poética.” (p. 454). (NEUMANN, 2020, p. 155).

A autora observa a maestria das análises linguísticas de Benveniste que percorre toda a sua obra. O teórico da linguagem, ao relacionar a forma e o sentido, evidencia ter consciência de que adentrar o segundo domínio, o leva a considerar a relação da língua, nesse caso específico, com a literatura. Desse modo, Neumann

composition musicale. Et le poète ? Le poète, avec ses mots, fait / un “poème”, une création qui exploite les mots / à certaines fins. ~~esthétiques.~~”

²⁶ O termo estético abordado aqui, trata-se da concepção de Benveniste e Meschonnic, os quais consideram estético como a estrutura formal, por isso a noção de estético não é suficiente.

(2020) explica que Benveniste se torna um linguista único pelo modo de fazer, isto é, se deixando interrogar, demonstrando estar diante de um problema.

Dessarte, por meio das notas percebe-se a relação de Benveniste com a linguagem poética. O teórico da linguagem Benveniste observa que tal linguagem mantém uma relação com o sistema geral da língua, mas possui uma organização própria, tornando-se uma "linguagem especial". Dessons (2006) argumenta que o poema constrói seu próprio léxico, utilizando a rima para evocar novos sentidos. Benveniste (2011), ao explorar a relação semiótico-semântica no discurso poético, destaca que a poesia é uma arte de significações, e a linguagem poética pode ter uma semântica própria. O linguista sírio considera que a língua poética é reinventada por cada poeta em seus poemas, e que cada poeta tem sua própria língua poética. Isso leva a uma compreensão da linguagem poética como algo que reflete o mundo do poeta e que vai além do estético, promovendo uma renovação na forma de pensar a poesia. Benveniste se torna um linguista único ao se deixar interrogar pela "terra incognitae" da literatura e da linguagem poética.

Benveniste observou que o poeta se comporta diante da língua como um pintor diante de sua obra, Meschonnic, calcado nessa ideia²⁷, propõe uma metassemântica baseada no "semântico sem semiótico". Isso significa que a obra e o poema constroem seu próprio significado e seu próprio sistema de signos. O analista não busca mais o funcionamento das unidades do semiótico no semântico, mas como o semântico constrói as unidades que servem como seu semiótico. Desse modo, é possível observar o quanto essa ideia de Meschonnic conversa com a busca de uma semântica particular no dossiê Baudelaire. Sendo assim, torna-se crucial examinar o encontro entre a poética de Benveniste e a de Meschonnic. Como mencionado na introdução desta pesquisa, a concepção de significância de Benveniste ressoa com a visão de significância de Meschonnic. Portanto, na próxima subseção, abordarei esse encontro em detalhes.

²⁷ A poética de Meschonnic começa a ser construída nas décadas de 60 e 70. Sua teorização se dá, portanto, no desconhecimento das notas de Benveniste.

3.1.2 O encontro da poética de Benveniste com a poética de Meschonnic²⁸

Nesta subseção, busco analisar o encontro das poéticas de Benveniste e Meschonnic, chegando à noção de significância, visto que Meschonnic, ao desenvolver sua poética, retoma as reflexões de Saussure e Benveniste. Sendo assim, é de suma importância entender como ocorreu esse encontro para compreender o eco entre as noções de significância nos dois teóricos da linguagem.

Desse modo, inicio retomando o artigo de *Dossiê Baudelaire: o encontro da poética de Benveniste com a poética de Meschonnic*, de Neumann, publicado em 2020. Verifica-se que Benveniste (2011) observou que o poeta aborda a linguagem de forma semelhante a um pintor diante de sua tela ou um músico diante de sua composição. Ele argumenta que o "signo" utilizado pelo poeta difere do "signo" empregado pelo falante comum.

É importante destacar que Meschonnic, calcado na teoria de Benveniste, se baseia na reflexão deste último sobre a metassemântica, conforme apresentado em seu texto *Semiologia da língua*. Meschonnic explica que sua poética se constrói a partir do que ele denomina "semântico sem semiótico". Nesse sentido, o poeta não apenas desenvolve sua própria semântica, mas também uma semiótica única. Henri Meschonnic, em sua obra *Poética do traduzir*, defende a ideia de que a poética é uma utopia, expressando uma necessidade que não encontra seu lugar no mundo. A poética é vista como uma crítica do signo, que busca ir além do modelo indo-europeu das línguas e explorar a relação entre língua, literatura e sociedade. O texto destaca a importância de Humboldt nesse contexto, que abordou a diversidade das línguas e a relação entre língua e pensamento.

A perspectiva da poética é considerada única, pois combina elementos do sistema, valor, funcionamento e arbitrariedade da linguagem, além de abranger o caráter histórico e plural das relações associativas. A poética busca substituir as subdivisões tradicionais da linguagem por uma conceitualidade que considere o "rio da língua" e destaca a importância do ritmo na crítica ao signo. A transformação de

²⁸ Embasada no artigo *Dossiê Baudelaire: o encontro da poética de Benveniste com a poética de Meschonnic*, de Neumann, 2020.

conceitos pela poética desestabiliza o mundo do signo e leva a outros modos de análise.

A aposta é na historicidade do sujeito e dos valores, entendendo o valor no sentido de um diferencial interno na língua e de uma qualidade especificamente literária. O texto *A poética do traduzir* sugere que o valor é um efeito da escritura e que a literatura é transformada pela literatura, não se limitando ao critério do que torna um discurso literário. Portanto, o valor se torna uma noção da poética, não da estética. Isso altera a abordagem de análise, uma vez que o analista não busca mais entender o funcionamento das unidades semióticas dentro do contexto semântico, mas, ao contrário, examina como o contexto semântico constrói as unidades que se manifestam como sua semiótica.

Meschonnic (2009), portanto, direciona seu foco para o fluxo contínuo do discurso, considerando-o um sistema, em consonância com a teoria saussuriana. Esse sistema é concebido como aberto, no qual as relações se estabelecem por meio das interações dos elementos que o compõem, permanecendo sempre receptivas a novas possibilidades de escuta e leitura. Conforme observado por Neumann (2016), essa escuta está relacionada à leitura, visto que as relações se organizam com base no ritmo, que não é mais percebido como simétrico e regular, mas sim como "configurações particulares do movimento" (BENVENISTE, 1966, p. 330, *apud* MESCHONNIC, 2009, p. 70). O ritmo é o que organiza as relações estabelecidas no discurso e que se situam em todos níveis, isto é, acentual, prosódico, morfológico, sintático e lexical.

Em Meschonnic, o sistema de discurso constrói sua própria sintagmática²⁹ e sua própria paradigmática³⁰. O movimento do discurso tem sua organização sendo constituída pelo ritmo da linguagem, isso leva à consideração da escuta do texto, na

²⁹ Conforme destaca Neumann (2016), apesar da palavra "paradigma" nunca ter sido utilizada por Saussure, nem mesmo no *CLG*, e ter figurado como um termo forjado pelo movimento estruturalista que sucede à publicação do *Cours*, em 1916, Meschonnic a retoma e, por meio do deslocamento de tal noção para pensar o sistema de discurso, inclusive com novas denominações, como quando ele se refere, por exemplo, a uma "syntagmatique" e "paradigmatique", renova tal noção. É nessa acepção concebida por Meschonnic que tal termo será utilizado neste trabalho.

³⁰ As noções de sintagmática e paradigmática também derivam do pensamento saussuriano, mais especificamente dos eixos sintagmático e associativo do sistema linguístico.

atividade de análise. Essa possibilidade se estabelece, na medida em que não se desvinculam, na poética de Meschonnic, a forma e o sentido, o som e o sentido. Com isso, é possível perceber uma aproximação entre as poéticas de Benveniste e Meschonnic, a partir das análises dos poemas de Baudelaire. De acordo com Neumann (2020), em Benveniste (2011), o linguista atesta que “1) a dicotomia forma: sentido / tem aqui ainda menos sentido que em qualquer outro lugar. / 2) o ‘sentido’ em poesia é interior à ‘forma’”³¹. “Em poesia a distinção entre a forma e o fundo (supondo que ela / tenha em si um sentido) é abolida. O ‘fundo’ da poesia é a sua ‘forma’” (p. 428).³²

A autora destaca que Meschonnic, ao considerar que o poema e a obra constroem um sistema de discurso, cujas relações são estabelecidas em seu interior, se aproxima das observações de Benveniste (2011) sobre o poema Baudelaire, ao afirmar que “não há signo isolado que, em si, possa ser considerado como / próprio à linguagem poética ou realizando o efeito poético / (exceto alguns clichês ‘glaive’ ‘onde’ ‘azur’)”³³ (p. 428); “em poesia o conjunto prima e determina a unidade”³⁴ (p. 428). Neumann também ressalta que Benveniste (2011), ao considerar as relações sintagmáticas e associativas, nos lança para a discussão sobre a organização do discurso, a partir de uma paradigmática e de uma sintagmática, de acordo com a proposta de Meschonnic (2009). No dossiê Baudelaire, lemos: “o linguista tem, portanto, que estudar: 1º) o princípio dessa sintag-/mática particular. 2º) as relações significantes assim obtidas”.³⁵

Além disso, “o princípio é que cada palavra poética tem seu / paradigma poético poemático; que é constituído / pelo conjunto de possibilidades de rima que a

³¹ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “1) la dichotomie forme : sens / a ici encore moins de sens que partout ailleurs. / 2) le ‘sens’ en poésie est intérieur à la ‘forme’”.

³² Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “En poésie la distinction de la forme et du fond (à supposer qu’elle / ait en soi un sens) est abolie. Le ‘fond’ de la poésie, c’est sa ‘forme’”.

³³ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “Il n’y a pas de signe isolé qui, en soi, puisse être considéré comme / propre à la langue poétique ou réalisant l’effet poétique / (hormis quelques clichés ‘glaive’ ‘onde’ ‘azur’)”.

³⁴ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “En poésie l’ensemble prime et détermine l’unité”.

³⁵ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “Le linguiste a donc à étudier: 1º) le principe de cette syntag-/matique particulière. 2º) les relations signifiantes ainsi obtenues”.

palavra em / questão comporta. Esse paradigma, nós o dizemos / poemático porque ele é exigido por essa estrutura. Ele / vale para a parte terminal do verso somente” (p. 662).³⁶ Paralelamente, há também “uma *syntagmática / poématique* a ser reconhecida: é aquela que é coman-/ dada ~~determinada~~ pela *medida do verso* (interdição / de exceder um número dado de sílabas, divisões / internas, etc.)”³⁷ (p. 662). Neumann enfatiza que Meschonnic (2009) amplia o eixo das associações na poesia, incluindo não apenas rimas externas, mas também rimas internas e ecos prosódicos, enquanto o eixo sintagmático não é regido pelo metro ou medida, mas pelo ritmo e pelo contínuo do discurso. Notavelmente, as observações de Benveniste e Meschonnic, derivadas da análise de poemas, convergem em discussões significativamente semelhantes e produtivas, proporcionando um caminho para os linguistas que desejam reconhecer a função poética da linguagem, conforme destacado por Jakobson (1999).

Com relação ao eixo associativo, a autora explica que Meschonnic o denominou como paradigmática, enquanto que Benveniste (2011), ao propor que se observem “as sonoridades associativas de evocação”, também acaba considerando essa escuta do literário. O teórico da linguagem observa o fato de que “as três palavras urne - nocturne - taciturne / tem ressonâncias idênticas - sonoridade <vibrante> de sino - e elas enlaçam as relações de evocação” (p. 266)³⁸ e de que “a evocação é uma categoria essencial em Baudelaire e talvez/ em geral em poesia”³⁹ (p.266). Segundo Neumann:

³⁶ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “Le principe est que chaque mot poétique a son / paradigme poétique poématique; celui est constitué / par l'ensemble des possibilités de rime que le mot en / question comporte. Ce paradigme, nous le disons / poématique parce qu'il est exigé par cette structure. Il / vaut pour la partie terminale du vers seulement”.

³⁷ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “une syntagmatique / poématique à reconnaître : c'est celle qui est coman-/ dée ~~déterminée~~ par la mesure du vers (interdiction / d'excéder un nombre donné de syllabes, divisions / internes, etc.)”.

³⁸ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “Les trois mots urne - nocturne - taciturne / ont des résonances identiques - sonorité <vibrante> de cloche - et ils nouent / et prolongent des relations d'évocation”.

³⁹ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “L'évocation est une catégorie capitale chez Baudelaire et peut être / en général en poésie”.

Nessa discussão é que Benveniste (2011, p. 134) percebe que “NUIT tomada como *pathème*⁴⁰/ ícone será distinta de *noite* como / signo, ainda que o poeta o empregue assim como / tal (“dia e noite” = sem cessar) quando tem oportunidade / <e será cada vez particular. Por exemplo>”,⁴¹ “<o iconisante> *nuit* sera - paradoxalmente mas / de acordo com a verdade icônica distinta da verdade / significa - ligado ao iconisante *luit* (XCI *luisant* / como esses buracos onde a água dorme na *nuit*... e a rima / *reluit*) e o iconizado NUIT será então / uma extensão <onde reina> uma certa claridade distinta da/ quela diurna”.(p.266)⁴²

Dessa forma, é importante notar, a partir das análises realizadas pelo linguista sírio, que estabeleceu uma “ligação conceitual entre as palavras que rimam”⁴³ (BENVENISTE, 2011, p. 650), que “essas palavras se seguem; se combinam e compõem / figuras novas.”⁴⁴ (BENVENISTE, 2011, p. 622). Benveniste, ao considerar a relação entre a forma e o sentido, o som e o sentido, nesse eixo sintagmático e paradigmático do poema, percebe que as rimas formam rede conceitual que contribui para a constituição dos valores das unidades. Benveniste (2011, p. 400), bem como Meschonnic (2009), compreende que “a *poésie*-a língua poética e mais precisamente a poética / não consiste em *dizer*, mas em *fazer*. Ela persegue / um <a produção de um> certo efeito, emocional e estético. Para esse / fim são empregados meios linguísticos”⁴⁵. Com isso, então, “serão utilizadas / algumas propriedades da linguagem, propriedades sonoras / e propriedades de sentido. É em função dessas /

⁴⁰ Unidade semântica do domínio passional.

⁴¹ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “NUIT pris comme *pathème* / iconie sera distinct de nuit comme / signe, bien que le poète l'emploie aussi comme / telle (“jour et nuit” = sans cesse) à l'occasion / <et il sera chaque fois particulier. Par exemple>”.

⁴² Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “<l'iconisant> nuit sera - paradoxalement mais / en accord avec la vérité iconique distincte de la vérité / signifie - lié à des l'iconisant luit (XCI *luisant* / comme ces trous où l'eau dort dans la nuit... et la rime / *reluit*) et l'iconisé NUIT sera alors / une étendue <où règne> d'une certaine clarté distincte de / celle diurne”.

⁴³ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “<Il s'agit d'établir un lien conceptuel entre les mots qui riment>”.

⁴⁴ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “Ces mots se suivent; ils se combinent et composent / des figures neuves”.

⁴⁵ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: “La *poésie* la langue poétique et plus précisément la poétique / ne consiste pas à dire, mais à faire. Elle poursuit / un <la production d'un> certain effet, émotionnel et esthétique. A cette / fin sont employés des moyens linguistiques”.

propriedades que o autor (o 'faiseur, poiètès') / escolherá e combinará os elementos linguísticos".⁴⁶

O dossiê Baudelaire é uma publicação de imensa relevância que desempenha duas funções cruciais. Primeiramente, ele lança luz sobre a obra de Benveniste, oferecendo revelações valiosas para estudiosos que reconhecem a importância de suas contribuições para o estudo da literatura. Além disso, o dossiê permite uma exploração mais aprofundada do universo de Benveniste, um linguista apaixonado pelo enigma da significação, que investigou diversos domínios dos estudos linguísticos, inclusive a arte e a literatura.

Benveniste, inegavelmente, é um "linguista à parte" que desenvolveu uma abordagem da linguagem que se assemelha a uma verdadeira "arte de pensar", como destacado por Dessons (2006). O estudo da arte da linguagem, especialmente evidenciado pelo dossiê Baudelaire, permite que sua abordagem poética se entrelace de maneira única com a poética de Meschonnic, resultando em um encontro altamente frutífero. Isso abre novas perspectivas e desafios para aqueles envolvidos no estudo da arte da linguagem.

No geral, o dossiê Baudelaire representa um marco importante no estudo da teoria benvenistiana. Através dessa publicação, novas perspectivas nos estudos linguísticos foram desvendadas, proporcionando uma visão mais profunda da paixão de Benveniste pelo mistério da significação. Além disso, ele nos convida a explorar territórios desconhecidos na arte e na literatura. Essa obra revela um encontro entre duas poéticas, abrindo novas possibilidades de investigação para aqueles que se dedicam ao estudo da arte da linguagem.

⁴⁶ Tradução de Neumann (2020). No original, se lê: "Il en résulte que seules seront utilisées / certaines propriétés du langage, propriétés sonores / et propriétés de sens. C'est en fonction de ces / propriétés que l'auteur (le 'faiseur, poiètès') / choisira et combinera les éléments linguistiques".

3.2 A poética de Henri Meschonnic

Na subseção anterior foi discutido o encontro das poéticas de Benveniste e Meschonnic. Ambos os teóricos consideram a importância da reflexão sobre as expressões artísticas, como a poesia, na linguagem. Benveniste ([1974] 2012) observa que o poeta lida com a língua de maneira semelhante a um pintor ou músico diante de sua obra, afirmando que o signo usado pelo poeta difere do signo comum. Meschonnic (2009), inspirado pelas ideias de Benveniste, propõe uma "metassemântica" em sua poética. Ele argumenta que a poesia constrói seu próprio semântico e seu próprio semiótico, e sua abordagem se concentra no contínuo do discurso em um sistema aberto. Isso leva à ênfase no ritmo como um interpretante antropológico que organiza as relações no discurso.

Sendo assim, ao desenvolver esta subseção, aprofundi-me na tese de Neumann (2016), que não apenas serviu de fonte de inspiração, mas também contribuiu para uma compreensão mais profunda da poética de Henri Meschonnic. Em particular, foquei na busca pela definição para a noção de significância, elemento fundamental para esta pesquisa, pois será por meio dessa noção que as análises das letras das canções serão conduzidas.

O poeta, linguista e tradutor baseia seus estudos nas teorias de Humboldt, Saussure e Benveniste, retoma-os não para corrigi-las, mas para desenvolver sua própria abordagem, construindo sobre o legado deixado por esses estudiosos. Meschonnic, influenciado por esses três teóricos, propõe um estudo que aborda o ritmo, a historicidade e a alteridade nos textos. Meschonnic expande a noção de ritmo, inspirada em Benveniste, para incluir a oralidade não apenas na fala, mas também na escrita, o que afeta a significância dos textos e suas traduções. Essa oralidade é uma parte do que Meschonnic chama de "corpo na linguagem" e contribui para a subjetivação do texto.

No livro *Poética do traduzir*, Meschonnic argumenta que, apesar dos muitos estudos de tradução nas décadas anteriores, a poética não havia evoluído. Ele destaca a necessidade de um pensamento poético e linguístico tanto para tradutores quanto para leitores de traduções. Define o poema como abrangendo toda a literatura, não se limitando à poesia, e descreve o poema como a transformação de uma forma

de vida através da linguagem e vice-versa; “[...] a transformação de uma forma de vida, por uma forma de linguagem e a transformação de uma forma de linguagem por uma forma de vida [...]”⁴⁷. ([1982] 2009, p. 27, tradução minha)

Neumann (2016) destaca que, para Meschonnic (2009), o coração da teoria saussuriana está na noção de sistema, de valor, de funcionamento e do radicalmente arbitrário. Tais noções são caras também a Benveniste, de modo que foram elas que possibilitaram ao linguista sírio a *invention du discours*, utilizando os termos de Gérard Dessoins. A autora cita Meschonnic, para quem a invenção do discurso, por Benveniste, foi a maior invenção do século XX, depois daquela de sistema, por Saussure. Além disso, Neumann (2016) explica que Meschonnic (2009) traz Benveniste através das noções de discurso, de subjetividade na linguagem e da sua proposta de reflexão sobre a linguagem em relação a obras de arte, que se dá no texto *Semiologia da língua*, publicado em 1969, ao propor a noção do semântico sem semiótico. Dessa forma, Neumann (2016) ressalta que o linguista, poeta e tradutor considera Benveniste aquele que continuou a reflexão de Saussure e se propõe igualmente como um continuador do pensamento benvenistiano. “Sua poética seria, nesse sentido, uma proposta de translinguística ou metassemântica, mencionada no final programático do texto de 1969, ‘é sobre essa via que eu situo a poética do ritmo’”. (MESCHONNIC, 2008 p. 415 apud NEUMANN, 2016, p. 9).

A poética de Meschonnic representa uma abordagem translinguística ou metassemântica, conforme foi mencionado por Benveniste ao final de sua obra de 1974; “[É] nesta via que encontro a essência da poética do ritmo” (MESCHONNIC 2008, p. 415, *apud* NEUMANN, 2016, p. 9). A partir disso, Neumann observa que o teórico da linguagem, ao apresentar sua poética, introduz uma mudança de paradigma na pesquisa, abandonando a busca por classificações, padronizações e regularidades. Ela também esclarece que, para Meschonnic, “os termos crítica e teoria são usados de forma intercambiável, visto que a teoria da linguagem se assemelha a uma empreitada antropológica” (NEUMANN, 2016, p. 9). Portanto, a teoria da linguagem proposta por Meschonnic adota uma visão semântica semelhante

⁴⁷ No original, se lê: “[...] a la transformación de una forma de vida, por una forma de lenguaje y a la transformación de una forma de lenguaje por una forma de vida [...]” (MESCHONNIC, [2007] 2009, p. 27).

à de Benveniste, uma investigação infinita como o sentido e a história, que não se submete a normas, autoridades ou verdades totais. Assim, a poética do discurso é considerada "uma incompletude teórica, incapaz de abranger a totalidade, o que a conecta com uma linguística do discurso" (NEUMANN, 2016, p. 10), ou seja, ela transcende o nível do signo, reconhecendo que toda comunicação, como todo poema, vai além do próprio discurso.

Conforme destaca Neumann:

É então em uma "poética do discurso em que há a solidariedade de aventura com a poesia, mais que toda a literatura, e a teoria"⁴⁸ (*ibid.* p. 33), ainda segundo o autor, "a poesia não se refere a uma *experiência*. Ela a cria".⁴⁹ (MESCHONNIC, 2009, p. 62). Nesse sentido, podemos afirmar que a linguagem faz alguma coisa ao mesmo tempo em que diz, mesmo que ela não faça necessariamente o que dizem as palavras (NEUMANN, 2016, p. 10).

Dessa forma, a "poética do discurso" de Meschonnic envolve uma solidariedade de aventura com a poesia e a teoria, criando algo novo em vez de simplesmente referir-se a uma experiência. Isso implica que a linguagem tem um impacto além do seu significado literal, fazendo algo enquanto se expressa, embora nem sempre faça estritamente o que as palavras dizem, ademais esse novo advém do modo singular de significar ou da significância.

No texto *Linguagem, ritmo e vida* (2006), Meschonnic destaca que a linguagem reflete sobre si mesma, e o que realmente importa é como a utilizamos. Ele enfatiza que somos parte integrante do conteúdo da linguagem, e esta é um sujeito em constante evolução. O linguista argumenta que o ritmo é fundamental para o significado e que a teoria da linguagem e da literatura estão interligadas. O teórico da linguagem critica a arrogância do essencialismo e enfatiza a importância do trabalho dos poemas. O autor conclui que a escrita e a crítica são essenciais para a compreensão da história e da linguagem. O poema, por sua vez, não ensina, mas

⁴⁸ Tradução de Neumann (2016). No original, se lê: [...] poétique du discours que tient la solidarité d'aventure entre la poésie, plus que toute littérature, et la théorie.

⁴⁹ Tradução de Neumann (2016). No original, se lê: [...] la poésie ne renvoie pas à une expérience. Elle la fait.

revela o desconhecido. Meschonnic defende a importância do ritmo na leitura e considera que a política do poema está relacionada ao ritmo e à sua política.

O teórico da linguagem propõe que se pense a teoria e o fazer teórico, a partir dessa visão de linguagem enquanto antropológica, na qual a linguagem é criadora, não mais como metáfora, pois constitui e constrói o homem e a sociedade, e da recuperação do sentido de poesia, em *poiésis*, por ter capacidade de construir e de fazer “coisas” de forma criativa. Em função disso, Meschonnic (2009) denomina sua teoria da linguagem como uma poética, ou seja, sua teoria do ritmo como uma poética do ritmo.

De acordo com Neumann (2016), no texto *Seul comme Benveniste*, Meschonnic postula que a poética que faltou na teoria benvenistiana seria a da metassemântica que tem a sua constituição a partir da semântica da enunciação. Segundo o linguista, poeta e tradutor, talvez a crítica do discurso pela poética seria o sujeito como subjetivação, a reposição da noção de significância por uma significância da prosódia e do ritmo como semântica do contínuo. Inclusive Neumann ressalta em sua tese que:

A poética, ausente em Benveniste, poderia ser essa « metassemântica » (Plg. II, 66) que ele via como um futuro do semântico. A crítica do discurso pela poética seria talvez a retomada do sujeito como subjetivação, a retomada de sua noção de significância (“propriété de signifier”, Plg. II, 51) por uma significância da prosódia e do ritmo como semântica do contínuo.⁵⁰ (MESCHONNIC, 2008, p. 389 *apud* NEUMANN, 2016, p. 12).

Sendo assim, na poética, os textos e as obras constituem sistemas de valores que produzem uma semântica específica, diferente do sentido lexical. Dessa forma, ao observar como se organiza uma produção de linguagem, deve-se levar em

⁵⁰ Tradução de Neumann (2016). No original, se lê: La poétique, absente, chez Benveniste, pourrait être cette “métasémantique” (Plg. II, 66) qu’il voyait comme un avenir du sémantique. Peut-être la critique du discours par la poétique serait la reprise du sujet comme subjectivation, la reprise de sa notion de signification (“propriété de signifier”, Plg. II, 51) par une signifiante de la prosodie et du rythme comme sémantique du continu.

consideração as marcas linguísticas e extralinguísticas⁵¹. Essas marcas podem estar em todos os níveis da linguagem, acentuais, prosódicos, lexicais, sintáticos que juntos constroem um paradigma e sintagma que neutralizam a noção de nível.

Neumann (2016) expõe que para Dessons (2011, p.40) “o ‘poema’ se apresent[a] como um discurso em que o sujeito se engaja – ao máximo – na busca do que faz dele um ser de significação”^{52 53}. (DESSONS, 2011, p.40 apud NEUMANN, 2016, p. 12). Ou seja, o texto literário é o lugar em que o sujeito se envolve ao máximo, de modo que explora, subverte as convenções da língua em todos os níveis.

Com o intuito de reafirmar o que mencionei anteriormente, apresento as palavras de Neumann, nas quais ela explica que, para Meschonnic,

A literatura é um desafio ao linguista que tem medo da literatura. O discurso é um desafio que a linguagem lança à palavra. O texto é o desafio que a literatura lança ao discurso. A obra é o desafio que a perenidade do sentido lança ao texto. O desafio não é a exceção. Ele é de cada momento. (MESCHONNIC, 1995, p. 88 *apud* NEUMANN, 2016, p. 12).⁵⁴

Conforme Meschonnic (2009), a teoria da linguagem transcende a linguística e se torna uma reflexão sobre os desafios linguísticos, especialmente as contradições entre linguística e literatura. Isso implica uma crítica a tentativas de ignorar essa tensão, como escolas linguísticas que negligenciam questões literárias e tradições de história literária que ignoram questões linguísticas. Abordar a linguagem a partir do discurso, do fluxo contínuo do discurso, muda o foco para considerar textos e obras como objetos únicos, resultando na identificação de novos elementos de estudo.

⁵¹ “Aqui o extralinguístico está ligado a gestos, postura corporal, não a uma realidade sócio-histórica”. (NEUMANN, 2016, p. 11)

⁵² Tradução de Neumann (2016). No original, se lê: Le ‘poème’ se présent[e] comme un discours où le sujet s’engage – au maximum – dans la recherche de ce qui fait de lui un être de signification.

⁵³ Conforme sublinha Neumann (2016), é preciso compreender que para Dessons (2011), o poema não deve ser necessariamente escrito em verso, pois mesmo que o verso tenha sido historicamente a forma do poema, durante muitos séculos, ele não o é mais desde que a ideia de poesia foi alterada no século XVII, quando houve a versificação da prosa, o que resultou no século XIX no poema em prosa.

⁵⁴ Tradução de Neumann (2016). No original, se lê: La littérature est un défi au linguiste qui a peur de la littérature. Le discours est un défi que le langage lance au mot. Le texte est le défi que la littérature lance au discours. L’œuvre est le défi que le long terme du sens lance au texte. Le défi n’est pas l’exception. Il est de chaque moment.

Neumann (2016) explica a importância dos aspectos acentuais e prosódicos, historicamente negligenciados⁵⁵ pelos estudos linguísticos, como ritmo, rimas, ecos prosódicos, voz e silêncio. O sistema de discurso construído pelo poema revela que o sentido não reside apenas nas rimas e no metro, mas também em cada detalhe, como consoantes e vogais, e na materialidade das palavras que organizam o sentido. De acordo com Meschonnic (2009), o ritmo é a organização que confere sentido, envolvendo a prosódia, e no discurso falado, também o corpo, que é tanto social e individual quanto histórico e biológico.

Conforme enfatiza Neumann,

Organização subjetiva do discurso, o ritmo é da ordem do contínuo, não do descontínuo do signo. Nesse sentido, ritmicamente, prosodicamente, não haveria mais a dupla articulação da linguagem no discurso. A partir desse primado do ritmo, como movimento da fala na escrita, e no contínuo dos ritmos linguísticos, retóricos, poéticos, a oposição entre som e sentido não teria sentido, assim como não teria sentido a oposição tradicionalmente feita entre linguagem ordinária e literatura. (NEUMANN, 2016, p. 69)

Nesse sentido, Meschonnic (2009) esclarece que o ritmo envolve um conceito de respiração que está intrinsecamente ligado ao corpo vivo, indo além do aspecto sonoro e fônico. Além disso, o teórico da linguagem argumenta que ao não separar, nem sobrepor o aspecto estético ao ético, o ritmo pressupõe uma continuidade entre linguagem, língua, literatura, e linguagem e história. Portanto, o ritmo tem como objetivo reconhecer a contínua evolução dos sujeitos, sua profunda historicidade e sua inserção na sociedade.

Em outras palavras, o ritmo se manifesta como uma semântica e uma ética ligada à história, uma poética da sociedade baseada em uma poética da linguagem, o que inevitavelmente envolve uma dimensão política. Ao analisar a organização do discurso a partir do ritmo, Meschonnic (2009) percebe que o poema representa uma transformação da linguagem por meio de uma forma de vida e, simultaneamente, a transformação de uma forma de vida por meio de uma forma de linguagem. Isso resulta na emergência do sujeito do poema como a máxima subjetivação, uma

⁵⁵ De acordo com Neumann, “a negligência aqui descrita se refere à consideração de tais aspectos, a partir do ponto de vista do discurso, do sentido”. (NEUMANN, 2016, p.13).

expressão completa de um discurso, e, por esse motivo, ele é chamado de sistema de discurso.

Neumann ressalta que a concepção de leitura passa por uma redefinição a partir de uma perspectiva de antropologia histórica da linguagem. A leitura não pode ser dissociada de sua historicidade, podendo seguir parâmetros estabelecidos em busca de um suposto significado essencial, ou reconhecer sua própria historicidade como um confronto e conflito. Essa percepção de que a leitura possui sua própria historicidade e ocorre em meio a confrontações e conflitos se torna evidente quando se faz uma segunda leitura, revelando uma diferença marcante em relação à primeira. De acordo com Neumann, tomando por base Meschonnic, “a diferença entre a primeira e segunda leitura é flagrante”. (NEUMANN, 2016, p.71).

Dessa forma, o sentido das leituras não se constrói de forma reduzida a condições datadas, limitadas, ou melhor, o sentido dos poemas não pode ser fechado em informações contextuais, extralinguísticas, assim como limitar os sentidos a categorias pré-estabelecidas de análise. Ademais, é interessante notar que o status e o tratamento dado à leitura mudam na medida em que mudam as estratégias de linguagem utilizadas. Posto isso, Neumann (2016) destaca que em Meschonnic ([1989] 2006), não se trata só de um “je” que lê, ele é simultaneamente o agente e o objeto real da leitura. O instrumento gramatical figura apenas como o meio e a passagem. Além disso, esse “je” sempre lê um hoje, um presente, o que leva o autor a afirmar que “só há a releitura”⁵⁶. (p. 136). Logo, “tal leitura-discurso tem como unidade o discurso, que não é concebido como o lugar do emprego da língua, mas antes como o lugar por onde a língua brota e nasce” (MESCHONNIC, 2006, p. 136 *apud* NEUMANN, 2016, p.127).

Meschonnic (2007), no texto *A poética como crítica do sentido*, desafia a visão tradicional da teoria do signo⁵⁷, na qual a língua tem precedência sobre o discurso. Ele destaca que o ritmo não é apenas uma questão métrica, mas uma organização do sentido no discurso, que está intrinsecamente ligada ao sujeito e à atividade dos

⁵⁶ Tradução de Neumann (2016). No original, se lê: Il n'y a que de la relecture.

⁵⁷ A teoria do signo, a qual refere-se Meschonnic, trata-se da linguística estruturalista, que tende a excluir o poema como um desvio ou anti-arbitrário.

sujeitos na linguagem. Isso redefine o sentido como uma atividade dos sujeitos em relação à história, à cultura e à língua. O teórico também examina como o ritmo desafia a visão predominante na linguística estruturalista e ressalta as implicações políticas e antropológicas do ritmo na linguagem, enfatizando a importância de uma teoria do discurso e do sujeito.

O mesmo ele faz na obra *Critique du rythme*, ao problematizar a noção de ritmo na linguagem e explicar que, embora a história do ritmo mostre que suas raízes vêm da música, o ritmo na poesia é diferente, de forma radical, pois nesta última, o ritmo é linguagem, está na linguagem. Dessa forma, não pode haver uma definição de ritmo comum à música, à poesia, à linguagem, pois essa definição pode ser tornar um empecilho para pensar a linguagem e sua especificidade, na medida em que as unidades da música e da linguagem são incompatíveis.

Dessarte, o ritmo é considerado consubstancial ao discurso, ou seja, a todo o discurso, e não somente ao verso. Sendo assim, o ritmo é “consubstancial ao discurso porque ele é consubstancial ao vivo e a toda atividade”⁵⁸, então trata-se de saber se “há uma especificidade do ritmo no discurso e do discurso pelo ritmo”.⁵⁹ (MESCHONNIC, 2009, p. 121 *apud* NEUMANN, 2016, p. 100).

Para Meschonnic (2009), em sua poética, a noção de ritmo não deve ser mais quantitativa, mas sim, qualitativa, pois para o teórico da linguagem, a medida seria uma abstração inútil e prejudicial, isso porque a prosódia, bem como os limites dos grupos são parte integrante do ritmo, assim, a rítmica não pode mais contar, numerar. Dessa maneira, o ritmo é feito no interior do verso pela prosódia, ou seja, não é métrica, a notação rítmica prosódica excede a escansão. Sendo assim, o ritmo e a prosódia unidos organizam a significância, fazendo com que se saia do círculo proposto pela métrica. Logo, após a crítica feita por Meschonnic (2006), “à métrica, é importante destacar que para restabelecimento do ritmo como discurso, é necessário

⁵⁸Tradução de Neumann (2016). No original, se lê: [...] consubstantiel au discours parce qu'il est consubstantiel au vivant, et à toute activité.

⁵⁹ Tradução de Neumann (2016). No original, se lê: [...] il y a une spécificité du rythme dans le discours, et du discours par le rythme.

pensar em questões de prosódia”. (MESCHONNIC, 2009, p. 224 *apud* NEUMANN, 2016, p. 112)

De acordo com Neumann (2016), Meschonnic evidencia que “o sentido e o ritmo, indissociavelmente, são modificados pela prosódia, que é uma organização do sentido, e do verso, do sentido através dos significantes, - ritmo de sua ordem própria e contraponto do ritmo de intensidade”⁶⁰. A partir desse ponto de vista de ritmo, “a convenção que propõe a existência de sílabas breves e longas não é mais pertinente, pois tal proporção é de ordem fonética, o ritmo, contudo, é mais sintático, sintagmático, semântico do que sonoro”. (NEUMANN, 2016, p. 112). A autora também salienta que Meschonnic concebe a supressão da rima não como um romper com a tradição, mas como uma reinterpretação, um aprofundamento, uma extensão prosódica, rítmica. A rima é, desse ponto de vista, “não somente o retorno de uma sonoridade, é uma ‘recorrência de valores’⁶¹”⁶².

Meschonnic (2009) argumenta que a identificação da rima no final de um verso poderia levar à confusão entre ritmo e cadência, assim como entre rima e ritmo. Meschonnic destaca que, de maneira diferente e com diferentes preocupações, Saussure tentou desenvolver, em seus cadernos de anagramas, uma análise que considerasse a relação entre ritmo, sintaxe e a criação de efeitos de sentido. Essa análise se baseia na interação de elementos em uma semântica geral e subjetiva, organizando-se em uma relação “associativa” (MESCHONNIC, 2009, p. 266 *apud* NEUMANN, 2016, p.112).

Assim, se a prosódia é uma significância, ela é subjetiva, transsubjetiva, construída para fazer o sujeito no e por um texto. Da mesma forma, a prosódia é inseparável do valor, não do sentido. Tal valor se constitui a partir das relações entre o paradigmático e sintagmático próprios a um poema, que fazem nele um “trabalho

⁶⁰Tradução de Neumann (2016). No original, se lê: [...] le sens et le rythme, indissociablement, sont modifiés par la prosodie, qui est une organisation du sens, et du vers, du sens à travers les signifiants, - rythme de son ordre propre et contrepoint du rythme d’intensité.

⁶¹Tradução de Neumann (2016). No original, se lê: [...] pas seulement le retour d’une sonorité, c’est une « récurrence de valeurs »

⁶²Explicação presente na tese de Neumann (2016, p.112). “A expressão « récurrence de valeurs », trata-se de uma citação feita por Meschonnic, de Michel Shapiro, em “Sémiotique de la rime”, Poétique n° 20, 1974, p. 508”.

poético" (MESCHONNIC, 2009, p. 271 *apud* NEUMANN, 2016, p. 112-113).

Em outras palavras, a maneira como os aspectos sonoros e rítmicos são empregados no discurso não apenas afeta a subjetividade do locutor, mas também transcende essa subjetividade, contribuindo para a construção do sujeito no âmbito do texto. A prosódia, aqui, é vista como inseparável do valor, que difere do sentido. Enquanto o sentido se refere ao significado lexical das palavras, o valor está relacionado às relações entre os elementos sonoros e rítmicos, considerando tanto os aspectos paradigmáticos (relações associativas entre elementos) quanto os sintagmáticos (organização sequencial desses elementos) em um poema específico. Essas relações entre sons e ritmos constituem o que o texto chama de "trabalho poético" dentro do poema. Portanto, a significância está vinculada à dimensão sonora e rítmica da linguagem, desempenhando um papel crucial na expressividade poética e na construção de significados específicos no contexto literário.

De acordo com Neumann (2016), o ritmo, portanto, no discurso, representa uma abordagem não métrica, permitindo a consideração de uma poética na prosa que envolve uma organização rítmica e prosódica integrada à sua maneira de significar. Isso implica que cada língua possui um ritmo linguístico distinto, o que não significa que a língua em si tenha um ritmo, mas sim que suas palavras, frases e discursos apresentam um ritmo característico. A língua pode ser vista, de outro ângulo, como um conjunto de condições rítmicas. O ritmo é intrínseco ao discurso e evolui com ele, dependendo de sua estrutura sintagmática e sua prosódia. O ritmo não existe como uma essência fixa. Meschonnic (2007) postula que, se ao modificar um discurso, também se modifica o sentido e os valores, isso ocorre devido à incompatibilidade do princípio métrico com a teoria do discurso. Enquanto a métrica é passível de ser medida, o ritmo, por estar relacionado ao risco e ao aspecto desconhecido do discurso, não pode ser quantificado, sendo analisado em termos de discursos e não apenas de elementos fônicos isolados.

Desse modo, a métrica, devido ao seu caráter comum e à ênfase na contagem de sílabas, não consegue abordar a linguagem como algo arbitrário, impedindo-a de reconhecer a sua natureza como histórica e radical. Em contraste, a teoria do ritmo se concentra nos discursos em vez de nas palavras. A distinção fundamental entre

métrica e ritmo reside na métrica que enfoca a previsibilidade, a continuidade e a contagem de sílabas, enquanto o ritmo valoriza a quebra e a diferença, representando uma visão de mundo. Assim, o ritmo não é apenas um efeito de sentido, mas constitui um sistema de sentido e subjetividade em um discurso.

Conforme Neumann (2016) ressalta, Meschonnic (2009) expõe que o ritmo imprime a subjetividade, o sistema e a história de um sujeito por meio do seu discurso. O ritmo é intrínseco, não privado, sendo o motor da enunciação, o contexto e o elemento que dá significado a todos os outros elementos significativos. O ritmo revela o sujeito como algo em constante evolução, uma função do indivíduo que pode ser completa e fragmentada ao mesmo tempo. Assim, a leitura é a ascensão à subjetividade.

Outro aspecto relevante na concepção de ritmo são os elementos prosódicos e acentuais. Segundo Neumann (2016), Dessons (2011) destaca que a acentuação desempenha um papel essencial na atribuição de significado a um poema, e ignorar esse aspecto seria negligenciar o cerne da capacidade de um poema em significar de maneira única em comparação a outros. Dessons (2011) distingue dois tipos de acentuação: o acento principal, intrinsecamente relacionado ao ritmo da linguagem em qualquer tipo de discurso, e o acento secundário, que se vincula à especificidade do discurso. O acento principal, por sua vez, engloba o acento sintático (ou de grupo) e o acento prosódico.

Assim, ao pensar acerca do ritmo em Meschonnic, é necessário pensar em *significância*, pois conforme menciona o teórico na obra *A poética como crítica do sentido*, uma vez que o sentido e o ritmo só existem em relação a sujeitos, o ritmo em um discurso se desvincula das amarras da métrica. Em vez de abordar o ritmo a partir do verso, comumente associado à poesia, agora se estuda o ritmo a partir do discurso cotidiano, presente em todas as formas de comunicação. A teoria do ritmo demonstra que a qualidade de uma obra poética está intrinsecamente ligada à sua teoria da linguagem comum. Além disso, elaborar uma teoria sobre a prosa se revela, sem dúvida, mais desafiador do que sobre a poesia. Ao analisar a dimensão paradigmática e sintagmática de um discurso, o ritmo, o sentido e o sujeito convergem para criar uma semântica abrangente, que é o resultado do conjunto de significados, conhecida como SIGNIFICÂNCIA.

Segundo Neumann (2020), a noção de *significância* está em relação de continuidade com a noção de ritmo e de voz⁶³. Portanto, entende-se por ritmo a organização das marcas pelas quais significantes, linguísticos e extralinguísticos, produzem uma semântica específica, diferente do sentido lexical. Com isso, tem-se uma semântica específica, a *significância*, ou seja, os valores próprios a um discurso e a um somente. As marcas podem estar localizadas em todos os níveis da linguagem, acentual, prosódico, lexical, sintático, que constituem um paradigma e um sintagma e acabam neutralizando a noção de nível. A *significância* constitui-se a partir de todo o discurso, porque está em cada consoante, em cada vogal, que produzem séries, tanto no sintagma quanto no paradigma. Assim, o ritmo é a organização do sujeito como discurso no e pelo seu discurso.

Neumann (2016) explica que Meschonnic (2009) considera textos e obras como sistemas de discurso e propõe que nada pode determiná-los de fora. Em razão disso, sua proposta do semântico sem semiótico não nega a existência do semiótico, mas postula que se observem os textos e as obras a partir de seu sistema de discurso, a partir de seu semântico. A relação se inverte se comparada ao que se faz tradicionalmente nos estudos da linguagem. Metodologicamente, não se investiga mais como o semiótico cria o semântico, mas o inverso, como o semântico constitui o semiótico. O sistema de discurso não é fechado, ao contrário, é aberto e dinâmico, ou seja, a definição do sistema não se define pelo inventário de suas unidades, mas sim pela significância que as informa, a partir de outros sistemas, da dinâmica entre outros sistemas.

Com isso, ao analisar textos e obras, é fundamental observar os sons, os ritmos e as entonações no instante de conceber o sentido do que se fala e/ou se lê. De acordo com Neumann (2016), a voz pode ser considerada o pano de fundo daquilo que é dito, estruturando o sentido do dizer. Sendo assim, a voz é a forma como o sujeito encontra para colocar-se no discurso, e o sentido é aquilo que ele realiza.

Então, do que foi discutido até aqui, ao realizar as análises não buscarei apenas as relações sintagmáticas entre as unidades linguísticas, mas também as

⁶³ Esse conceito não será tratado no trabalho. Poderá ser verificado no trabalho de Neumann (2016) listado nas referências bibliográficas deste trabalho.

relações no eixo associativo. Tenho como objetivo buscar a significância que se constrói por meio das rimas, ecos prosódicos e repetições. Desse modo, serei levada a uma análise paradigmática – ou do eixo associativo – na qual irei relacionar significantes e encontrar um novo sentido, diferente e/ou que complementa os das relações sintagmáticas. Logo, não me proponho a realizar um grande número de análises para apontar o sentido dos sistemas apresentados, contudo como os textos significam e apontam os elementos a serem analisados. Com isso, recupero a questão do discurso como sistema e de como esses signos ganham valor no interior desse sistema.

Além disso, é importante destacar que, ao realizar as análises, não se pode fazer uma separação rígida entre as questões formais da língua e do discurso. Isso ocorre porque ambos se desenvolvem simultaneamente, e essa característica é o que permite que as unidades no discurso se organizem de maneira integrada. De acordo com Neumann (2016), a voz interior de um sistema discursivo influencia nossa percepção de que o sentido pode variar e se renovar diante de novas leituras, e o mesmo princípio se aplica à significância.

A prosódia desempenha um papel inseparável na construção do valor, o qual é forjado pelo poema. Conforme Meschonnic (2009) aponta, as palavras, quando examinadas de forma isolada, têm apenas seus próprios significados. No entanto, é somente a interação paradigmática e sintagmática, inerente a cada poema, que realiza o trabalho poético e constrói o valor único de cada palavra dentro de um sistema de valor específico, criado por uma obra particular. Isso implica que diversas interpretações da mesma obra são viáveis, indefinidamente, uma vez que a significância é infinita, da mesma forma que a teoria o é. “O primado da voz contribui para o sentido da não totalidade, da não verdade”. (NEUMANN, 2016, p. 90).

Dessa forma, de acordo com Neumann (2016), há dois tipos de acentos na língua portuguesa. O primeiro é o acento sintático, que incide sobre a penúltima ou última sílaba. O segundo tipo é o acento prosódico, que ocorre quando há uma repetição de fonemas consonânticos no início de sílabas. Ao focarmos apenas nas palavras que apresentam essa repetição de fonemas no início de sílabas, isso também adquire valor/significância ao texto. Para ilustrar, cito o exemplo fornecido por Neumann em sua tese, no qual observamos que o acento prosódico recai sobre

as sílabas que contêm consoantes no início (ataque), como [m] e [t], e que são repetidas, sendo, portanto, acentuadas. A primeira sílaba “Quan” recebe acentuação devido ao fato de estar em posição de ataque no início do grupo:

Quando a Vó **me** recebeu **nas** férias, ela **me** apresentou aos **amigos**: **Este** é **meu** **neto**. (Manoel de Barros, “Cabeludinho”, Memórias inventadas: a Infância, 2009).

Segundo Vidales (2020), Meschonnic observa a linguagem a partir do paradigma do discurso, não mais do paradigma do signo. Esse discurso é um sistema de discursos, em que “o ritmo se compõe a partir de todos os níveis – acentual, prosódico, morfológico, sintático - concebendo a relação entre a língua e a cultura, língua e sociedade, proposta por Benveniste”. (VIDALES, 2020, p. 18). Na poética de Meschonnic, o discurso, portanto, observa a relação entre a língua, a cultura e a sociedade, traduzindo os textos como sistemas de discursos. Vidales explica, em Meschonnic, “traduzimos a forma e o sentido, o som e o sentido, o efeito do texto, a significância do discurso”. (VIDALES, 2020, p. 18). Logo, trata-se de “uma tradução linguística da forma e do sentido, do som e do sentido que observa o texto como sistema, que leva em conta o acento, a prosódia, que faz pensar como a cultura e a sociedade constituem e ao mesmo tempo são constituídas na e pela linguagem”.(VIDALES, 2020, p. 18).

Dessa forma, é possível compreender que Meschonnic propõe que se observe a historicidade tanto do sujeito quanto dos valores, passando a compreender o discurso como sistema, e não somente a língua como sistema, deixando de pensar o descontínuo do signo e considerando o contínuo da linguagem. Isso porque a significância não trata dos sentidos lexicais das palavras, de sua significação em uma determinada situação, no entanto, ela os carrega, os atravessa. A significância, portanto, é transversal ao discurso, se faz no e por todos os elementos do discurso.

Por fim, com base nas teorizações dos teóricos da linguagem, Saussure, Benveniste e Meschonnic, tomando a noção de significância de Émile Benveniste que recupera noções de Ferdinand Saussure e encontra eco na poética de Henri Meschonnic, no próximo capítulo iniciarei as análises nas letras das canções da cantora e compositora Elza Soares.

4. Análises nas letras das canções de Elza Soares

Agora é o momento de operacionalizar os conceitos discutidos ao longo deste trabalho, mas antes disso, é importante revisitar alguns pontos mencionados na introdução. Primeiramente, a escolha da cantora e compositora Elza Soares foi motivada pelo que ela representa como mulher. Em segundo lugar, o objetivo era valorizar a escrita feminina e analisar a significância dessa produção artística. Embora eu já conhecesse algumas letras de canções interpretadas por Elza Soares, as quais abordam a figura do feminino, a escolha foi feita pelo interesse nesse tema. No entanto, como mencionado anteriormente, a ênfase estava em valorizar a escrita feminina independentemente da temática específica abordada nas letras da compositora, razão pela qual analisei sua produção escrita.

Para compreender a significância nas letras das canções de Elza Soares, é fundamental revisitar a concepção dessa noção. Começo essa revisão com Benveniste, que esclarece que a significância é o valor decorrente da maneira de significar presente em textos e obras. Meschonnic, baseando-se nisso, argumenta que o ritmo, tanto na literatura quanto na linguagem, gera uma significância que é sempre distinta, singular e única. O ritmo é responsável por organizar todo o texto, abrangendo elementos como métrica, rima, escansão, acentos sintáticos, repetições sintáticas e ecos prosódicos. Portanto, as análises deste trabalho serão realizadas procurando ouvir os acentos, atentando para a significância que perpassa a canção, observando as relações discursivas que atravessam os níveis acentuais, prosódicos, sintáticos e morfológicos, considerando sempre o ritmo do discurso.

Assim, a seguir, darei início à análise das letras de quatro canções compostas por Elza Soares, pautando-me na proposta teórica anteriormente apresentada. As quatro letras selecionadas para análise são, respectivamente, *Menino*, *Somos Todos Iguais*, *Cigarra* e *Não Tá Mais de Graça*.

4.1 Menino

Menino

1. Venha cá, **menino A**
2. **Não** faça isso **não B**

3. Sei que é muito triste **C**
4. **Não** ter casa, **não** ter pão **B**
5. **Não** te leva **nada** **D**
6. Destruir o seu irmão **B**
7. Você representa **D**
8. O futuro da **nação** **B**
9. Venha cá, **menino**
10. **Não** faça isso **não**
11. Sei que é muito triste
12. **Não** ter casa, **não** ter pão
13. **Não** te leva **nada**
14. Destruir o seu irmão
15. Você representa o futuro da **nação**

A canção *Menino* foi escrita em quatro estrofes, sendo que as três primeiras são quartetos e a última estrofe um terceto, apresentando seus versos irregulares, não obedecendo a uma metrificação constante, porém segue uma lógica da língua falada, visto que se trata de uma letra de canção. Conforme mencionei anteriormente, só a última estrofe é composta por três versos, em uma primeira leitura poderia considerá-la semelhante à segunda estrofe, e a diferença entre elas seria que uma apresenta um *enjambement*, ou seja, um recurso estilístico em que há uma partição no verso.

No entanto, ao analisar com mais atenção percebe-se que essa diferença atinge a sintaxe e, conseqüentemente, a semântica, pois ao repartir o verso, (verso 7 “Você representa”/ verso 8 “O futuro da nação”), o efeito de sentido construído para o verbo “representar” fica implícito, criando o efeito de suspensão do sentido. Já no último verso, o qual não apresenta a ruptura, o sentido é explícito⁶⁴. Sendo assim,

⁶⁴ Explicarei mais detalhamento no decorrer da análise.

percebe-se nessa comparação entre estrofes o quanto a forma e o sentido são indissociáveis, porque esse recurso estilístico utilizado na poesia vai para além de provocar um engajamento entre os versos, provoca também efeito de sentido.

Realizei alguns destaques no texto para demonstrar os fenômenos de ordem sintática e prosódica, porque através deles fica evidente que a análise considerou não apenas o eixo sintagmático, mas também o eixo das relações associativas. Dessa forma, é possível notar que são construídas rimas com os fonemas /*ẽw*/, estando presente tanto no advérbio de negação “não”, como também, em “pão”, “irmão” e “nação”, as quais sugerem sentido à canção. Observa-se que a rima entre **não-pão-irmão-nação** sugere o sentido de uma negação tanto diante do pão, quanto do irmão e da nação. A sugestão estabelecida entre as rimas de irmão e nação também revela uma construção de valores mútuos entre os dois elementos do texto.

No segundo verso, o pronome demonstrativo “isso” remete à ação do menino que é reprovada pela voz do poema. Há, para tanto, a reiteração do uso do advérbio “não”.

Tomando, agora, o acento prosódico, percebo uma recorrência do fonema /*n*/ no *onset*⁶⁵ da sílaba. Pode-se perceber no próprio título da canção *Menino* e a repetição acontece no verso 1, “**não**”, no verso 5, “**nada**” e no verso 8, “**nação**”. Para realizar a leitura, proponho construir um eixo associativo no texto apenas com os termos anteriormente citados, isto é, compreender como esses termos podem vincular-se uns aos outros, constituindo relações de significância. Ao elaborar uma relação semântica entre as palavras, temos: *menino, não, nada, nação*, é possível observar que cada um desses signos adiciona valor⁶⁶ aos termos que estão à sua volta.

⁶⁵ Parte periférica inicial ⇒ ataque (A) – onset (O), aclave (cf. Câmara Jr.).

⁶⁶ O conceito de valor como proposto por Saussure, onde os valores são estabelecidos dentro de um sistema. Neste trabalho considero o texto, o poema, como um sistema de discurso. Desse modo, os valores desse sistema são concebidos como próprios desse discurso. Assim, busco realizar uma análise que considere o discurso por ele mesmo, o contínuo do discurso. Conforme abordado por Neumann em sua tese, neste trabalho será considerado “[...] aquilo que Meschonnic chamou de ‘semântico sem semiótico’, na medida em que a obra produz uma relação única, singular, irrepetível entre o semântico e o semiótico. Não se nega, pois, a existência de unidades, mas essas são consideradas na perspectiva de uma imbricação mútua com o discurso. Assim, um sistema de discurso produz sua própria sintagmática e sua própria paradigmática”. (NEUMANN, 2016, p. 124).

Não obstante, identifica-se uma relação entre o fonema /n/, presentes em diferentes vocábulos, engendrando a significância entre os termos dessa canção, “menino” adquire o valor de criança que se encontra em uma situação de vulnerabilidade, pois seu valor é construído na associação com o “**não ter pão**” e “**não ter casa**”. O valor de “nação” se constrói a partir da associação com o “não ter”, sugerindo o sentido de uma nação que nega o que deveria oferecer por direito. Ademais, reiterando a significância, temos a repetição do advérbio de negação “não”, esse termo aparece dez vezes na canção. Essas recorrências suscitam o sentido de adversidade que esta criança encontra no seu dia a dia, inúmeros “nãos” que enfrenta em sua vida.

Nos versos 1 e 9 usou-se o verbo vir no modo imperativo “venha” e o advérbio de lugar “cá”, ao construir o verso - *Venha cá, menino* -, o efeito de sentido produzido pela voz do poema é de chamar o menino para perto de si. Esse é o único momento da canção em que o menino é acolhido.

Outro aspecto a ser observado é que apenas a palavra “triste”, em fim de verso, não apresenta rima. Ela se relaciona, contudo, via eco prosódico a “destruir”, via sílaba de ataque iniciada pelo fonema /t/.

Além disso, observo que nos versos 6 e 14 compostos por “Destruir o seu irmão”, há o uso de dois determinantes, o artigo definido “o” e o pronome possessivo. O uso desses determinantes produz o efeito de sentido de uma especificidade de quem seria esse “irmão”, embora o texto não o revele, a não ser pela sugestão, ao relacioná-lo à “nação”.

Por fim, chega o momento de explicar sobre o efeito de sentido⁶⁷ que produziu o *enjambement*. Com a quebra de verso⁶⁸, o sentido do verbo “representar” fica em suspenso, construindo a sugestão de alargamento de sentido do verbo, pois deixa um espaçamento entre o verbo e o seu complemento verbal (verso 7 “Você representa”/ verso 8 “O futuro da nação”). Já na última estrofe, em seu último verso, “Você representa o futuro da nação”, não houve ruptura e o sentido já é imediatamente

⁶⁷ O efeito de sentido só pode ser observado analisando a letra da canção. Tal efeito pode ser perdido ao se ouvir a canção.

⁶⁸ Estrofe dois, versos 7 e 8.

explicitado essa presença imediata do complemento do verbo busca fechar esse sentido de que o lugar do menino é na nação, mesmo que a canção aponte para tantas adversidades.

Sendo assim, é possível observar que a letra da canção *Menino* aborda temas sociais e humanitários, evocando a condição de um menino (representativo de uma parte vulnerável da sociedade) e destacando a falta de casa e alimentação. Além disso, sugere o sentido de uma nação que nega o que deveria oferecer por direito, reiterando a significância com a repetição do advérbio de negação “não”, esse termo aparece dez vezes na canção. Essas recorrências suscitam o sentido de adversidade que esta criança encontra no seu dia a dia, inúmeros “nãos” que enfrenta em sua vida.

4.2 Somos todos iguais

Somos **T**odos Iguais

1 Eu era **t**ão pequenina A

2 Já me dizia **p**apai B

3 Filha **n**ão fique **t**riste C

4 **A**qui somos **t**odos iguais B

5 Na **g**uerra do **d**ia a **d**ia A

6 O homem é bicho **f**eroz D

7 Mas sempre acaba vencendo E

8 **A**quele que é **m**ais veloz D

9 Nos campos de **b**at**a**lha A

10 Morre o homem, morre a **f**lor F

11 **M**isturam **t**odos os **s**ang**u**es G

12 Mas o **p**ra**n**to **n**ão **t**em cor!!! F

A canção *Somos todos iguais* foi escrita em 6 estrofes com dois versos, totalizando 12 versos, apresentando rimas interpoladas. Nos dois primeiros versos, é a voz da menina que fala na canção, em todas outras estrofes, se tem a menina

trazendo os dizeres do pai. Esses dizeres, cada um, em estrofes de dois versos, colocam em cena dizeres sucintos, mas ao mesmo tempo carregados de sentimentos e de imagens. Os destaques ao longo da canção auxiliam a análise e evidenciam que considere fenômenos de ordem sintática ou prosódica, considerando o eixo associativo e sintagmático.

O primeiro aspecto que observei, por meio do acento prosódico, foi a repetição do fonema /t/ no *onset* silábico estando presente no título da canção “**t**odos”, e seguindo nos termos “**t**ão”, “**t**riste”, “**b**atalha”, “**m**isturam”, “**p**ranto”, “**t**em”. Nos terceiros e quartos versos, lemos “Filha não fique triste”, “Aqui somos todos iguais”, em que se percebe a relação por associação entre “triste” e “todos”. Mais adiante, a letra da canção continua a relacionar valores, através do eco prosódico nos versos 9,11 e 12; “Nos campos de batalha”, “Misturam todos os sangues” e “O pranto não tem cor!!!”. Assim, se percebe uma relação de valor entre “triste”, “todos”, “batalha”, “misturam” e “pranto”. Ao ler os versos 3 e 4, “Filha não fique triste”, “Aqui somos todos iguais”, se explora um valor de “triste”, relacionado a uma ideia de sentir-se sozinho enfrentando uma realidade difícil. Contudo, nas relações estabelecidas pelos ecos prosódicos, se explora o valor de “triste” relacionado a “batalha” e “pranto”, por exemplo. Trata-se, portanto, de um valor que explora o sentido de dificuldades enfrentadas por “todos”.

O segundo aspecto notado na letra da canção é a repetição do fonema /p/, no início da sílaba (*onset*), em “**p**equenina”, “**p**apai” e “**p**ranto”, esse fonema trata-se de uma consoante bilabial surda, o que significa que é produzida ao bloquear o fluxo de ar com os lábios e, em seguida, liberar o ar rapidamente. Assim, essa escolha, de usar repetidamente o fonema /p/, pode ser vista como uma estratégia poética para enfatizar, suavizar e associar os termos. A escolha de “pequenina” e “papai”, léxicos utilizados, em geral, ou para se referir ao mundo infantil ou pelas próprias crianças, parece transportar a voz da canção para a sua infância, para o mundo de sua infância.

No verso 10, “Morre o homem, morre a flor”, é importante observar que, aqui, poder-se-ia ter dito “Morre o homem e morre a flor”, a falta da conjunção e a opção pelo uso de vírgulas, acaba por colocar duas imagens, duas cenas, lado a lado. Nessas duas cenas, há a repetição de um verbo, bem como da estrutura sintática. A reiteração do uso do verbo “morrer”, bem como da estrutura sintática acabam por enfatizar a finitude e a fragilidade da vida.

Outro aspecto que destaquei na letra da canção, são as rimas externas nos termos “veloz”/ “feroz” e “flor”/ “cor”. Por meio da rima, se estabelece uma relação de significância entre “veloz” e “feroz”, em que os valores de cada um dos termos se estabelece nesse contraste. A segunda rima entre os vocábulos “flor” e “cor” também coloca os vocábulos em relação na letra da canção e sugere valores. É interessante notar que a figura da “flor” aqui representa o vivo, que é transitório, poder-se-ia dizer mesmo que se trata da essência do vivo, quando se coloca lado a lado a cena “Morre o homem” e a cena “morre a flor”. A “cor”, em especial ao ser associada a “flor”, parece também estar apontando para a essência do vivo, sobretudo quando se associa à pranto, na combinação sintagmática.

Para finalizar, é possível observar, por meio da análise realizada na letra da canção *Somos todos iguais*, que a letra da canção discute acerca dos temas de igualdade, relação entre humanos, fragilidade da vida e a universalidade da experiência humana, destacando que, apesar das diferenças individuais, todos compartilham emoções e experiências comuns. Ao reler o título, percebe-se que "Somos todos iguais" não remete propriamente a todos usufruímos dos mesmos direitos como, em um primeiro momento, poder-se-ia pensar, mas sobretudo que todos dividimos as mesmas dores e as mesmas angústias.

4.3 A cigarra

A cigarra

- 1.Vou pedir Santa **C**lara para **c**larear A
- 2.Vou pedir Santa **C**lara para me ajudar A
- 3.Vou pedir Santa **C**lara para **c**larear A
- 4.Vou pedir Santa **C**lara para me ajudar A
- 5.**C**lara B
- 6.**C**lara B
- 7.Quando a **c**igarra **c**antou **c**lareou, **c**lareou C
- 8.Quando a **c**igarra **c**antou **c**lareou, me enganou C
- 9.Quando a **c**igarra **c**antou **c**lareou, **c**lareou C
- 10.Quando a **c**igarra **c**antou **c**lareou, me enganou C

11. **Choveu, choveu, cheiro de terra molhada B**
12. **Água que veio do céu, abençoada B**
13. Quando a **cigarra cantou clareou, clareou C**
14. Quando a **cigarra cantou clareou, me enganou C**
15. Quando a **cigarra cantou clareou, clareou C**
16. Quando a **cigarra cantou clareou, teu cantar me encantou C**
17. **Choveu, choveu, cheiro de terra molhada B**
18. **Água que veio do céu, abençoada B**
19. Quando a **cigarra cantou clareou, clareou C**
20. Quando a **cigarra cantou me enganou, me enganou C**
21. Quando a **cigarra cantou clareou, clareou C**
22. Quando a **cigarra cantou clareou, me enganou C**
23. Quando a **cigarra cantou clareou, clareou C**
24. Quando a **cigarra cantou clareou, me encantou C**
25. **Choveu, choveu, cheiro de terra molhada B**
26. **Água que veio do céu, abençoada B**
27. Quando a **cigarra cantou clareou, clareou C**
28. Quando a **cigarra cantou me enganou, me enganou C**
29. Quando a **cigarra cantou clareou, clareou C**
30. Quando a **cigarra cantou clareou, me enganou C**
31. Quando a **cigarra cantou clareou, clareou C**
32. Quando a **cigarra cantou clareou, me enganou C**
33. **Choveu, choveu, clareou C**
34. **Choveu, choveu, me enganou C**
35. **Choveu, choveu, clareou C**
36. **Choveu, choveu C**

A canção *A cigarra* foi escrita em doze estrofes, por esse motivo é irregular (onze ou mais estrofes), sendo composta de estrofes com quatro e dois versos. Da mesma forma que na análise realizada nas letras das canções anteriores, nesta também destaquei os elementos prosódicos observados a partir do eixo paradigmático do texto, apresentando uma compreensão que sugere sentidos outros, que fazem parte da significância, em sua indissociabilidade com o eixo da sintagmatização.

Começo a análise na letra da canção, observando que na primeira estrofe há repetição de estrutura sintática, bem como uma repetição do número de sílabas e repetição das rimas externas, como se a forma reiterasse um desejo bastante proeminente. Na segunda estrofe também há essa repetição, quando se evoca a Santa para que venha em auxílio. Na terceira estrofe, a repetição de estrutura sintática, de número de sílabas e de rimas, parece sugerir que o desejo esteja se concretizando de forma consoante ao pedido da primeira estrofe, salvo pelo uso do "me enganou". O uso desse verbo acaba por questionar a significância construída na estrofe.

No verso 11 "Choveu, choveu, cheiro de terra molhada", observo que a reiteração que aqui funciona como um efeito para a duração ou intensidade da chuva. Outro aspecto observado, no verso 12 "Água que veio do céu, abençoada", a quebra com um ritmo regular das estrofes anteriores também cria esse efeito de progressão da narrativa da canção, talvez também quebra da expectativa, o que é corroborado com o "me enganou" da estrofe anterior.

Na quinta estrofe também há uma repetição de estrutura sintática, repetição de número de sílabas e de rimas, nos três primeiros versos. Nesta estrofe a quebra não se dá apenas no uso do verbo "me enganou", mas também na quebra da estrutura sintática e do número de sílabas no último verso, em que o poema relaciona "enganar" com "encantar". Com relação à sexta estrofe "Quando a cigarra cantou clareou, clareou" e "Quando a cigarra cantou me enganou, me enganou", também tem uma repetição de estrutura sintática, de número de sílabas e de rimas externas. Essa repetição parece apontar novamente para um desejo que se concretizou de uma forma muito consoante. Na última estrofe também volta a repetição da estrutura

sintática, do número de sílabas das rimas, nos três primeiros versos, a quebra se dá no último.

Por fim, por meio das rimas de fim de verso, os termos “cigarra”, “Santa Clara”, “molhada” e “abençoada”, estabelecem uma relação e, a partir disso, adquirem, conseqüentemente, a significância de “vitalidade da natureza”, “fé”, “renovação” e “bênção da natureza”. Além disso, a letra da canção apresenta rima interna entre “quando” e “canto” que também estabelece uma relação entre a ação da cigarra e as mudanças na natureza, como o clarear e a chuva. A rima suscita a ideia de que o canto da cigarra desempenha um papel na transformação do ambiente ao seu redor.

4.4 Não tá mais de graça

Não tá mais de graça

1. A **p**erna **t**reme A
2. **P**arece vídeo game A
3. É uma **p**oça de sangue no chão B
4. E o nego **g**eme A
5. Eu me **p**ergunto: Onde essa **p**orra vai **p**arar? C
6. Revolução, só Che Guevara de sofá D
7. A carne mais barata do mercado não tá mais de graça D
8. O que não valia nada agora vale uma tonelada E
9. A carne mais barata do mercado não tá mais de graça D
10. Não **t**em bala **p**erdida, **t**em seu nome, é bala autografada E
11. **P**repara o coração que eu vou escurecer F
12. E **p**ode dar **p**iripaque A
13. Do Big ao **T**upac A
14. Marielle Franco, Rosa **P**arks A

15. Destrava a corrente, sai fora da foice A

16. Mogobe Bernard Ramose A

17. Essa aqui Neymar não dança na hora de meter gol G

18. Mas os pretos avançam, Wakanda forever yo! G

A canção *Não tá mais de graça* foi escrita em cinco estrofes com números irregulares de versos não obedecendo a uma metrificação constante, segundo as normas metro rítmicas formais da poesia escrita, mas seguem uma lógica da oralidade⁶⁹. Os versos não constituem rimas perfeitas, mas formam rimas toantes, ou seja, aquelas que repetem apenas a vogal no final. Realizei, assim como as outras letras das canções, alguns destaques na letra da canção que buscam colocar em evidência fenômenos de ordem sintática ou prosódica. Marcá-los auxilia na realização da análise e revela que considere o eixo das relações associativas e o eixo sintagmático.

A primeira estrofe traz imagens "A perna treme", "Parece vídeo game", "É uma poça de sangue no chão", "E o nego geme". Essas imagens que poderiam ser tomadas em separado, pois não há elementos conectivos nos três primeiros versos, são associadas nesta canção, pela organização sintagmática na sucessão dos versos. Esse não uso dos conectivos permite que se associe "Parece vídeo game" tanto a "A perna treme", quanto a "É uma poça de sangue no chão".

Ao observar a segunda estrofe, "Eu me pergunto: Onde essa porra vai parar?", "Revolução, só Che Guevara de sofá", o uso da vírgula no verso seis parece separar duas cenas que são opostas entre si. Revolução parece uma urgência, um pedido, um chamado, por outro lado o que se tem é "Che Guevara de sofá". Além disso, o verso seis responde à pergunta do verso cinco.

Por meio do eco prosódico, noto a recorrência do fonema /t/ no *onset* silábico, iniciando no título (tá) e perpassando ao longo da letra da canção nos termos: "treme",

⁶⁹ Refiro-me à língua falada e não ao conceito de Meschonnic de oralidade, usado no texto.

“barata”, “tonelada”, “tem”, “autografada”, “tupac”, “destrava”, “corrente”, “meter” e “pretos”, com isso, é estabelecida uma relação entre esses vocábulos. O termo “tá” é uma contração do verbo “está” (forma conjugada do verbo “estar” no presente do indicativo, conjugado na terceira pessoa do singular), evocando o sentido de ação referindo-se à mudança na situação da carne no mercado, esta contração que se aproxima de uma linguagem mais coloquial vai estabelecendo o tom da letra da canção, que se constrói a partir de uma linguagem mais crua, mais direta. Essa significância vai ressoando em outros léxicos, tais como “treme”, “barata”, “tonelada”, “autografada”, “Tupac”, “destrava”, “corrente”, “meter”, “pretos”.

Observo que a rima entre “tonelada” e “autografada” trabalha com a significância da letra da canção ao associar que a carne vale uma “tonelada”, porque a bala que a atinge é “autografada”.

Tomando as rimas externas, vogal final átona “e” que passam a ser pronunciadas como “i”, por este motivo os termos *Tupac* e *Parks* também relacionam-se aos outros termos, pois no português brasileiro os vocábulos terminados em consoantes, ao serem pronunciados, têm a adição da semivogal /j/ logo após as consoantes. Desse modo, observo que os termos *treme*, *game*, *geme*, *piripaque*, *Tupac*, *Parks*, *foice* e *Romose* relacionam-se evocando os sentidos que perpassam a narrativa, como os de instabilidade, desafio, perigo e resistência. Essas evocações também se fazem via o acionar os nomes de referências culturais e históricas, como Tupac e Parks. Além disso, as rimas entre “piripaque”, “Tupac”, “Parks”, “foice”, “Ramose” também são importantes de observar, pois associam e trabalham essa significância em torno da relação entre os personagens negros e a luta.

Na última estrofe tem-se a rima entre “gol” e “yo”, ao associar o “gol” ao “Wankanda forever yo” sugere que “Wankanda forever yo” seria a vitória dos pretos. Outro aspecto a ser apontado, são os nomes icônicos presente no poema que evoca as lutas por justiça, resistência contra opressões sociais e políticas, e contribuíram para mudanças significativas em seus respectivos contextos. Com isso, ao citá-los, a voz do poema suscita a reflexão sobre a condição humana e as lutas coletivas por justiça e igualdade.

Assim, torna-se perceptível que a letra da canção aborda temas sociais ao explorar cenas impactantes de violência e desigualdade nas suas linhas iniciais. Além disso, ao fazer referência a nomes icônicos que simbolizam lutas por justiça e resistência contra opressões sociais e políticas, a canção instiga a reflexão sobre a condição humana e as batalhas coletivas por justiça e igualdade.

Dessa forma, as análises realizadas nas letras das canções de autoria da cantora Elza Soares demonstram a importância da noção de significância ao analisar textos e obras, pois atentar para a construção de tal noção, é pensar no *valor*, da significância desse texto. Ao buscar o valor, a significância da letra da canção (sistema de discurso), foi inevitável deparar-me com os aspectos prosódicos e acentuais da linguagem. Percebendo que os valores se estabelecem também a partir de elementos que não são da ordem do segmentável, do descontínuo, conforme o denomina Meschonnic.

Além disso, é possível notar que há uma riqueza de sentidos sugeridos ao explorar a significância de um texto que suscita sentido. Tomando a significância o analista observa o modo particular de significar do texto e considera todos os aspectos presentes na letra dessa canção, não se limitando à linearidade, pelo contrário, considerando o eixo das relações associativas.

Sendo assim, ao atentar-me ao movimento das letras das canções analisadas, observei o que perpassou as letras das canções foram temas sociais, destacando a desigualdade, a violência e a busca por justiça e igualdade. Apenas uma das letras trabalhou com a temática de natureza e fé. Cada poema oferece uma perspectiva única sobre essas questões, trazendo um olhar singular sobre a condição humana e as lutas sociais.

A letra *Menino*, por meio das repetições, rimas e eco prosódicos, trabalha com a significância de vulnerabilidade social de um menino, destacando a situação de vulnerabilidade das crianças diante da nação, bem como a situação paradoxal, ao buscar construir a significância de que as crianças também são o futuro da nação. A letra *Somos todos iguais*, através da repetição do verbo "morrer", uso de uma vírgula separando cenas, da repetição da estrutura sintática, rimas externas, ecos prosódicos

discute temas como a finitude e fragilidade da vida, a igualdade, a relação entre humanos e a universalidade da experiência humana.

A letra da canção *Cigarra* explora temas como a vitalidade e transformação da natureza, fé e renovação por meio da repetição de estruturas sintáticas, do número de sílabas e das rimas, bem como através do eco prosódico e rimas internas. Na letra *Não tá mais de graça*, por meio das repetições, rimas e acento prosódico, a voz do poema suscita a reflexão sobre a condição humana e as lutas coletivas por justiça e igualdade corroborando para a construção dessa significância, a voz do poema cita nomes de símbolos importantes da luta do movimento negro e atenta para sua relevância, já que a ajuda não virá do “Che Guevara de sofá” ou do “Neymar” e o mais importante do que atentar para o que significam esses nomes em nossa sociedade é atentar para o que eles significam no poema. Nem sempre esses nomes são tomados como heroicos.

Dessa forma, atinjo o objetivo inicial desta pesquisa, que era analisar a escrita de Elza Soares e explorar como a compositora mobilizou a linguagem para abordar os temas presentes em suas letras. Ao examinar as letras das quatro canções de Elza Soares, identifico as maneiras específicas de significar presentes em cada uma delas. A compositora não abordou a figura do feminino, conforme minha hipótese inicial, escolhendo, em vez disso, abordar temas como questões sociais, a fragilidade e finitude da vida, a transformação da natureza, a fé, a condição humana, e as lutas coletivas por justiça e igualdade.

5. Considerações Finais

Em suma, é chegado o momento de finalizar este trabalho de dissertação. Como ponto de partida deste capítulo, retomo o título, "arte da linguagem". Essa seleção foi influenciada pelas palavras de Dessoins, especificamente pela "arte de pensar" de Benveniste, incitando-me a contemplar o inefável na linguagem. A busca por esse pensamento artístico/poético, incorporado à linguagem, encontra expressão nas letras das canções compostas por Elza Soares, proporcionando um espaço reflexivo sobre a dimensão artística na linguagem.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, busquei observar a construção da noção de significância apresentada no texto *Semiologia da língua*, na medida em que tal noção se constrói a partir do diálogo estreito com aquelas de *valor* e de *sistema*, de Saussure. Por esse motivo e por uma razão cronológica, o primeiro capítulo abordou a teorização saussuriana. O linguista genebrino foi aquele que inspirou Benveniste, ao explicar que a língua é um sistema de signos que estão inseridos na sociedade. Nesse sistema estão imersas as noções de sentido, por meio da noção de valor.

Benveniste calcado nesse entendimento de língua como sistema e compreendendo que não há signo transsistemático e que o valor de um signo se define somente no sistema que o integra, apresenta-nos a noção de significância, afirmando ser o caráter comum a todos os sistemas e o critério de sua ligação à semiologia, a propriedade de significar ou a "SIGNIFICÂNCIA", bem como sua composição em unidades de significância, ou signos.

A relevância de reexaminar essa discussão surge da complexidade e sofisticação intrínsecas a essas noções - sistema, valor e significância. Acredito que a linguística moderna ainda não tenha explorado totalmente seu potencial, visto que a busca pela significância de um texto, de uma obra é da ordem do infinito, pois o texto/obra evoca, sugere e suscita sentidos, ou seja, não há uma única possibilidade de construção de sentido. A concepção de que a relação constitui o valor e a significância e de que essa relação decorre de um sistema pode ser bastante profícua para que se trabalhe com aquilo que é da ordem do movente, do contínuo, do inefável na linguagem.

A partir de tais constatações, destaco que o percurso teórico deste trabalho teve como enfoque os estudos da linguagem, especificamente, os conceitos apresentados por Saussure, Benveniste e Meschonnic, centralizando-se na noção de significância. Para chegar neste último momento, de conclusão, o trabalho foi construído por capítulos, seções e subseções em que se realizaram reflexões sobre como a visão dos estudos semânticos interfere diretamente no modo de compreender um discurso.

Benveniste, especialmente se tomarmos em relação ao que foi desenvolvido em análises em torno do dossiê Baudelaire, encontra eco na poética de Henri Meschonnic. Com isso tem-se o terceiro capítulo do trabalho e, a partir dele, entende-se que para Meschonnic, compreender o discurso enquanto sistema é crucial para que se possa pensar acerca desse valor, dessa significância, nos textos e nas obras. Então, ao buscar o valor, a significância, no sistema de discurso (a letra da canção), deparei-me com os aspectos prosódicos e acentuais da linguagem, percebendo que os valores se estabelecem também a partir de elementos que não são da ordem do segmentável, do descontínuo, de acordo com o que denomina Meschonnic.

Dessa forma, destaco que, com base no que foi debatido, ao conduzir as análises, minha abordagem não se limitou apenas às relações sintagmáticas entre as unidades linguísticas, mas também se concentrou nas relações no eixo associativo. Meu objetivo foi buscar a significância, porque entendi que através dessa noção que observaria todos os elementos, incluindo rimas, ecos prosódicos e repetições. Isso levou-me a uma análise paradigmática – ou do eixo associativo – na qual relaciono palavras e encontro um novo sentido, diferente e/ou que complementa os das relações sintagmáticas, nas quais foram estabelecidas conexões que constroem sentidos.

Não busquei realizar um grande número de análises para identificar o sentido dos sistemas apresentados. Em vez disso, meu foco foi buscar como os textos significam e indicam os elementos a serem examinados. Isso me permite retomar a ideia de que o discurso funciona como um sistema e como os signos ganham valor dentro desse sistema. Além disso, é crucial ressaltar que, ao realizar essas análises, não estou estabelecendo uma separação rígida entre as questões formais da língua e do discurso. Isso se deve ao fato de que ambas ocorrem de forma simultânea,

permitindo que as unidades no discurso se organizem de maneira integrada. Após observar as letras de canções de Elza Soares, concluo que ao analisar a construção da significância é preciso olhar para o que transcende, ou seja, para como que o poeta cria o valor/significância a partir das redes de relações que são estabelecidas por meio dos eco prosódicos, das rimas, das repetições presente em cada sistema de discurso (letra de canção) para exemplificar o enunciado anterior cito o termo “menino⁷⁰”, pois esse ao relacionar-se com o “não ter casa” e “não ter pão”, nesse poema adquire valor/significância de criança em situação de vulnerabilidade social, já em outro poema pode sugerir outro sentido, pois dependerá da rede de relações tecidas no sistema de discurso que o integra.

É importante destacar que não há um dado anterior ou pré-definido em termos de linguagem, com isso o valor das unidades linguísticas é determinado a partir da relação que se estabelece no funcionamento da linguagem. Ao lidar com isso, o poeta não apenas cria, mas também recria a significância dos termos em sua obra. Como evidenciado, as significâncias construídas nas letras das canções analisadas neste corpus encenam temas sociais como desigualdade, violência e a busca por justiça, por meio das relações associativas e sintagmáticas. Em outras palavras, a arte da linguagem permite ao poeta construir seu próprio semântico em cada obra. No caso de Elza Soares, a compositora escolheu mobilizar a linguagem para abordar temas sociais, desigualdade, luta por justiça e fé, em detrimento a figura do feminino.

Por fim, toda essa retomada nos introduz a uma nova perspectiva na leitura de textos: a significância é, portanto, a conexão que emerge entre as unidades presentes em um discurso. Concluo que esta dissertação contribuirá para os estudos linguísticos e, sobretudo, para os próximos trabalhos com o foco em análise em textos e obras.

⁷⁰ Primeira letra de canção analisada neste trabalho.

Referências Bibliográficas

ANJOS, Aroldo Garcia dos. Lavrar a névoa: o tempo em Satolep, de Vitor Ramil. Dissertação de mestrado. Orientação: Daiane Neumann. Programa de Pós-Graduação em Letras. UFPEL, 2020.

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral I. 5ª ed. Letras e Linguística. V. 8. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: Pontes [1976] 2012.

_____. Problemas de Linguística Geral II. Campinas, São Paulo: Pontes, [1989] 2012.

DESSONS, Gérard. Pour une sémantique de l'art. In: NORMAND, Claudine; ARRIVÉ, Michel. Émile Benveniste vingt ans après. Numéro Spécial de LINX. Nanterre, 1997.

FIGUEIREDO, Camila; NEUMANN, Daiane. Saussure-Benveniste: uma reflexão de método a partir dos princípios semiológicos. Domínios de Linguagem, Uberlândia, v. 17, 17 maio 2023.

FLORES, V. do N.; LAPLANTINE, C.; TEIXEIRA, M. Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso. In: Caleidoscópio. Vol. 11., n. 2, maio/agosto de 2013.

MESCHONNIC, Henri. La poesía como crítica del sentido. Marmol-Izquierdo Editores, Buenos Aires, 2007.

_____. Le signe et le poème. Paris, Gallimard, 1975.

_____. Critique du rythme: anthropologie historique du langage. Lonaix, França: Éditions Verdier, 2009.

_____. Poética do traduzir. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

NEUMANN, Daiane. Em busca de uma poética da voz. 2016. 173f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

_____. A significância e a tradução. O universo benvenistiano, São Paulo, n. 10.31560, 2020.

_____. “Activité théorique, activité poétique”: de Benveniste a Meschonnic. Revista Linguagem e ensino: Revista do programa de pos-graduação em letras Universidade Federal de Pelotas, [s. /], 2020.

_____. A linguagem e a vida: reflexões acerca de língua e literatura. Revista do programa de pós-graduação em letras da Universidade de Passo Fundo, [s. /], 2018.

_____. Dossiê Baudelaire: o encontro da poética de Benveniste com a poética de meschonnic. periodicos.ufsm.br/fragmentum, [s. /], 2020.

_____; GARCIA, Aroldo. Dos limites da redução do pensamento saussuriano ao movimento estruturalista. Leitura, [s. /], 2019.

_____; OLIVEIRA, Giovane F. Émile Benveniste e a arte de pensar: uma entrevista com Gérard Dessons. REVEL, vol. 18, n. 34, 2020. Tradução de Daiane Neumann e Giovane Fernandes de Oliveira.

NORMAND, C. Saussure. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RIZZO, Ana Rosa Saad. A construção da significância em letras de canções: Orientadora: Daiane Neumann. 2019. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), 2019.

SAUSSURE, F. de; Curso de Linguística Geral. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.

STUMPF, Elisa. Saussure e Benveniste: ultrapassagem ou rompimento?. Anais do CELSUL, [s. /], 2008.

TEIXEIRA, Marlene. Benveniste: um talvez terceiro gesto?. Letras de Hoje, v. 39, n. 4, 2004.

_____. Análise de discurso e psicanálise - elementos para uma abordagem do sentido no discurso. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir. Linguística da Enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. ReVEL, v. 9, n. 16, 2011.

VIDALES, Antonella Romina Savia. A escuta da voz feminina nos poemas de Storni: uma proposta de tradução. Orientadora: Daiane Neumann. 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas 2020.

VIER, Sabrina. ÉMILE BENVENISTE E A LITERATURA. ReVEL, [s. l.], v. 11, 2016.

_____; QUANDO A LINGUÍSTICA ENCONTRA A LINGUAGEM: da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária. ReVEL, [s. l.], 2016.

_____; Da singularidade na/da linguagem poética: um estudo enunciativo em canções de Chico Buarque. [Dissertação] Orientação: Marlene Teixeira. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2008.